

**FACULDADE GUAIRACÁ
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

THAILAINE SUELLEN ORTIZ CAMARGO

**A EDUCAÇÃO EM IMBITUVA: CONTEXTO DA DITADURA MILITAR E
DA INSTALAÇÃO DAS MALHARIAS NO MUNICÍPIO**

GUARAPUAVA - PR

2019

THAILAINE SUELLEN ORTIZ CAMARGO

**A EDUCAÇÃO EM IMBITUVA: CONTEXTO DA DITADURA MILITAR E DA
INSTALAÇÃO DAS MALHARIAS NO MUNICÍPIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de aprovação, em Pedagogia, pela instituição de ensino Faculdade Guairacá.

Orientadora: Prof^a Ma. Lucineia Moreira de Souza

GUARAPUAVA-PR

2019

THAILAINE SUELLEM ORTIZ CAMARGO

**A EDUCAÇÃO EM IMBITUVA: CONTEXTO DA DITADURA MILITAR E DA
INSTALAÇÃO DAS MALHARIAS NO MUNICÍPIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para obtenção do título de
Licenciatura, em Pedagogia, pela instituição de
ensino Faculdade Guairacá.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Ma. Lucineia Moreira de Souza
(Faculdade Guairacá)

Professor Ms. Diego da Luz Nascimento Tecchio
(Faculdade Guairacá)

Professora Viviane Batista Horst
(Faculdade Campo Real)

Guarapuava, _____ de _____ de 2019.

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha família e amigos, pessoas com quem amo partilhar a vida.

Em especial à Aline Rafaela e Darcilio (in memorian), estrelas que guiam e abrilhantam o meu caminho...

À minha orientadora, por sua dedicação e apoio.

AGRADECIMENTOS

O percurso de realização deste trabalho evidencia a necessidade de agradecer a todos que estiveram presentes ao decorrer desta história.

À minha avó Eloir Maria pelo auxílio a mim dedicado ao decorrer de minha trajetória acadêmica e de trabalho, sou grata pelo despertar de todas as manhãs.

À minha mãe Elenir, por sua gentil ajuda, meu padrasto Lincon e meu irmão Marcelo pela atenção e disponibilidade nas etapas desta pesquisa. À meu pai Adir pela disposição e compreensão nos dias conturbados da jornada acadêmica. À minha prima Leizy pela cumplicidade de sempre...

Agradeço às minhas companheiras de estudo Samara e Emanuelli, por compartilharmos momentos de alegrias e dissabores. Um brinde aos nossos risos incontroláveis, nossa amizade e as muitas histórias que teremos a contar!

À Faculdade Guairacá, por sua fundamental atribuição no meu processo de formação e por constituir-se em um espaço acolhedor, no qual pude estudar, pesquisar, me organizar, descansar após as jornadas diárias exaustivas e construir importantes relações de afeto.

A todos os professores, meu reconhecimento e gratidão pelos saberes mediados, por me ensinarem a ver o mundo sob outras perspectivas, através um olhar de crítico, de conhecimento e transformação! Desde meu ingresso nesta instituição pude aprimorar muitos conhecimentos e elucidar meus pensamentos com novas descobertas. Vocês são os pilares de minha conquista e grandes fontes de inspiração para os caminhos que pretendo trilhar... Esta conquista é o começo de muitos projetos e realizações...

Aos colaboradores deste trabalho que contribuíram com seus relatos e experiências de vida!

À dona Alcione (in memoriam) pelas histórias a mim compartilhadas ainda em vida e que inspiraram a aprofundar esta história...

À minha orientadora, Lucineia Moreira de Souza, por sua sugestão de pesquisa, dedicação e amizade.

À vida não peço muito, mas agradeço por tudo! Porque agradecer enaltece a minha alma!

EPÍGRAFE

♪ [...] Você me pergunta pela minha paixão
Digo que estou encantada
Como uma nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade
Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
Cheiro de nova estação
Eu sei de tudo na ferida viva
Do meu coração[...]
Ainda somos os mesmos
E vivemos como nossos pais [...]

Como nossos pais, Elis Regina (1976).

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

PCB – Partido Comunista Brasileiro

GETSOP – Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná

PTB – Partido do Trabalhador Brasileiro

PDC – Partido Democrata Cristão

UDN – União Democrática Nacional

PTN – Partido Trabalhista Nacional

SNI – Sistema Nacional de Informações

CODI-DOI – Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna

CIE – Centro de Informações do Exército

CISA – Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica

CENIMAR – Centro de Informações da Marinha

AERP – Assessoria Especial de Relações Públicas

DCDP – Divisão de Censuras de Diversões Públicas

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

CPPB – Confederação de Professores Primários do Brasil

CPB – Confederação dos Professores do Brasil

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano

PIB – Produto Interno Bruto

FEMAI – Feira de Malhas de Imbituva

APL – Arranjo Produtivo Local

FIEP – Federação das Indústrias do Estado do Paraná

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESI – Serviço Social da Indústria

SINDITEXTIL – Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem

SICREDI – Sistema de Crédito Cooperativo

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

QUADROS DE FIGURAS

Figura 1 – Localização Geográfica do Município de Imbituva com relação à Curitiba.....	34
Figura 2 – Limites Territoriais de Imbituva.....	35
Figura 3 – Livro de Relação e Registro dos Empregados da Cygla (1).....	41
Figura 4 - Livro de Relação e Registro dos Empregados da Cygla (2).....	42
Figura 5 – Pavilhão de Malhas.....	44
Figura 6 – Registro das mulheres empregadas (1).....	47
Figura 7 - Registro das mulheres empregadas (2).....	50
Figura 8 – Divulgação da Feira de Malhas.....	68

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Pesquisas de Pedagogia.....	63
TABELA 2 – Pesquisas de Educação Física.....	65
TABELA 3 – Pesquisas de Ciências Biológicas.....	66
TABELA 4 – Pesquisas de Matemática.....	67

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso discorre sobre a educação no município de Imbituva, pensada através do contexto da Ditadura Militar no Brasil e da instalação das malharias no município. Objetiva a investigação do processo educacional como fator inerente às questões políticas, econômicas e sociais que se desenvolveram diante do percurso histórico da cidade. Simultaneamente busca a compreensão do processo de produção de malhas correlacionado ao modelo educacional tecnicista ocorrente neste período, visto de uma perspectiva nacional ao âmbito municipal. Os conceitos abordados consistem em uma metodologia de abordagem qualitativa tratada através de uma pesquisa bibliográfica e documental realizada a partir da coleta de dados por meio da metodologia da história oral manifestada através de entrevistas com indivíduos que estiveram presentes neste cenário, selecionados pelos critérios políticos, econômicos e biográficos, os quais ainda fazem parte do contexto imbituvense. Diante disso, verifica-se as interferências educacionais, políticas e econômicas do período ditatorial no que concerne ao modelo educacional técnico agregado ao desenvolvimento das atividades das malharias em Imbituva a partir dos anos de 1970.

Palavras Chave: Educação. Ditadura. Malharias. Imbituva.

ABSTRATC

This Work of Course Conclusion discusses education in the city of Imbituva, thought through the context of the Military Dictatorship in Brazil and the installation of knitwear shops in the city. It aims to investigate the educational process as an inherent factor to the political, economic and social issues that have developed in the face of the historical path of the city. Simultaneously, it seeks the understanding of the mesh production process correlated to the technicist educational model occurring in this period, seen from a national perspective to the municipal level. The concepts addressed consist of a qualitative approach methodology treated through a bibliographic and documentary research conducted from the data collection through the oral history methodology manifested through interviews with individuals who were present in this scenario, selected by political, economic and biographical criteria, which are still part of the imbituvense context. In view of this, the educational, political and economic interferences of the dictatorial period regarding the technical educational model added to the development of the activities of the knitwear companies in Imbituva from the 1970s onwards are verified.

Keywords: Education. Dictatorship. Knitwear. Imbituva.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. BRASIL: EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	20
2.1 CONTEXTO BRASILEIRO NOS ANOS DE 1960	20
2.3 CENSURA E REPRESSÃO: A IMPOSIÇÃO MILITAR	25
2.4 ECONOMIA E EDUCAÇÃO: O REGRESSO	28
3. IMBITUVA: HISTÓRIA DA CIDADE E CONTEXTO EDUCACIONAL DOS ANOS DE 1975-1980	33
3.1 O MUNICÍPIO DE IMBITUVA	33
3.2 O ENSINO E OS PRIMEIROS PROFESSORES	36
3.3 INTERFERÊNCIAS DA DITADURA MILITAR NO SETOR EDUCACIONAL DE IMBITUVA	39
4. INSTALAÇÃO DAS MALHARIAS E CONTEXTOS ATUAIS	40
4.1 A PRIMEIRA MALHARIA	40
4.2 O PAPEL SOCIAL DA MULHER	47
4.3 FORMAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DOS TRABALHADORES E PROTAGONISTAS NA INSTALAÇÃO DAS PRIMEIRAS MALHARIAS	49
4.4 O DESENVOLVIMENTO DO SETOR DE MALHARIAS EM IMBITUVA E A CRISE ECONÔMICA	52
4.5 RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO, ECONOMIA E POLÍTICA EM IMBITUVA/PR NO CONTEXTO DAS MALHARIAS E DA DITADURA MILITAR	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
6. FONTES	59
7. REFERÊNCIAS	60
8. APÊNDICE	64
ANEXO	84
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	84

1. INTRODUÇÃO

A história é o meio ao qual podemos desvendar o passado em suas conjunturas e interposições ao presente, bem como suas implicações ao futuro. Compreender este processo traz ao sujeito à capacidade de perceber sua realidade sob outro olhar e conseguir situar-se política e socialmente.

Os fatos históricos revelam parte da nossa história junto às memórias e registros, através desta pode-se compreender que as relações estão interligadas em um mesmo contexto. Sabe-se que os acontecimentos ocorridos em um país, conseqüentemente ocasionam interferências em todo o âmbito nacional e deixam sua herança ao transcorrer de todo o desenvolvimento.

Diante desta analogia transpõe-se este tema, isto é, estudar um fato nacional e suas abrangências relacionando-o a um contexto específico visando o entendimento de como se aplica nas diferentes regiões do mesmo país, ou seja, como se manifesta em diferentes locais e como é percebido pelos sujeitos que dele fazem parte.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar o processo educacional como fator inerente às questões políticas, econômicas e sociais que se desenvolveram diante do percurso histórico de Imbituva e da instalação da primeira malharia liderada por mulheres¹. Estes aspectos educacionais e econômicos serão abordados no período que concerne à Ditadura Militar no Brasil, momento em que o país perpassa inúmeras transformações. Por isso nos perguntamos: como a educação era percebida e concebida neste processo?

Nesta exploração temática busca-se caracterizar o modelo educacional tecnicista tratado a partir anos de 1970, o processo de instalação da primeira malharia liderada por mulheres no município, a fim de percebermos as interferências do regime militar nesta configuração social e local. Com esta análise explicitaremos a participação e o papel social dos sujeitos envolvidos, bem como suas contribuições para o desenvolvimento do município.

Sendo assim, evidenciamos alguns cidadãos, bem como a senhora Alcione² Prestes Chioratto como uma personagem importante no setor de malhas de Imbituva,

¹ Pelos estudos sobre a história econômica de Imbituva – PR, a primeira malharia do município foi liderada por um homem, mas nesta pesquisa tratamos da primeira malharia liderada por mulheres.

² Cita-se Alcione, porém assinava-se Alcionê Prestes Chioratto, de acordo com o livro de Registro da Malharia Cygla (1979).

a qual por meio de seus relatos, ainda em vida tornou possível a compreensão da relevância de explorar este tema e conhecer os demais atores sociais que exerceram papéis determinantes no desenvolvimento da cidade de Imbituva em seu percurso histórico.

A princípio esta pesquisa apresentou-se como sugestão de pesquisa através de uma aula de História, ministrada pela M.^a, Lucineia Moreira de Souza, a qual nos incumbiu à tarefa de abordar os conceitos de História, historiador e fonte através de um objeto histórico significativo em nossas vidas.

Minha apresentação dos termos se deu através de um anel³ do período da Ditadura Militar no Brasil (1964 – 1985), este objeto a mim foi dado pela senhora Alcione Prestes Chioratto, cidadã imbituvense e de conhecimento familiar. Junto a isso foram relatadas algumas histórias sobre o período até o processo da produção de malhas na cidade, sendo esta senhora de grande importância para o ramo das malharias deste local que há tempos passou a ser conhecido como “Cidade das Malhas”.

A partir disso, o projeto de pesquisa se originou como forma de artigo, o qual estava em fase inicial e foi alterado para ser apresentado neste Trabalho de Conclusão de Curso. Diante disso, realizou-se uma busca relacionada aos Trabalhos de Conclusão de Curso das licenciaturas na Biblioteca da Faculdade Guairacá a fim de verificar as pesquisas que tratam da história da educação no contexto regional e concluir quais pesquisas relacionam-se com a temática abordada, as quais foram organizadas e registradas em tabelas⁴.

Na área das licenciaturas pode-se identificar um total presente de 370 trabalhos, dentre elas; do curso de Matemática (77); Ciências Biológicas (80); Educação Física (115) e Pedagogia (98). Destacamos o curso de Pedagogia, nessas buscas, por decorrência de algumas pesquisas que envolvem a temática educacional regional, as quais totalizam em doze (12) estudos.

³ Segundo relatos da senhora abordada, no período referente à Ditadura Militar no Brasil, os militares saíram nas residências para pedir auxílio econômico aos cidadãos, alegando que o país encontrava-se em crise e que com a ajuda de seus compatriotas poderia se reestabelecer. Ela juntamente de seu marido doou alguns bens pessoais. Tempos depois, afirmou que os militares voltaram às suas casas e deram um anel com a escrita “Dei Ouro para o bem do Brasil – 1964” como forma de agradecimento e honra. Para mais informações: <https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/geraldo-nunes/os-50-anos-da-campanha-ouro-para-o-bem-do-brasil/>.

⁴ Os trabalhos encontrados na busca feita na Biblioteca da Faculdade Guairacá estão dispostos no apêndice 5.

Dos temas que estão correlacionados ao conteúdo e cenário explorado desta monografia, destacam-se duas (2) pesquisas. A primeira denomina-se “Palavras e olhares que denunciam: a Ditadura Militar (algumas reminiscências), da autora Angela Terezinha Oliveira (2014), orientada pela Prof^a. Rita de Cássia Luiz da Rocha. O objeto de estudo constitui-se no legado da Ditadura Militar em Guarapuava através de uma percepção de âmbito nacional a fim de analisar suas interferências no município. O segundo trabalho intitula-se “Tecendo indícios da história do curso normal do Colégio Estadual Santo Antônio de Imbituva-PR, de autoria de Francielli Maria Beraldo dos Santos (2014), orientada pela Prof^a. Rita de Cássia Luiz da Rocha. Esta utilizou como objeto de estudo o Colégio Estadual Santo Antônio de Imbituva e seu histórico de desenvolvimento no que se refere à Escola Normal no processo de formação de professores.

Constata-se que a primeira aborda o mesmo período: A Ditadura Militar no Brasil, porém, no espaço territorial guarapuavano. Já, o outro trabalho disserta sobre o mesmo cenário, em Imbituva, porém, trata do percurso histórico educacional, retrata uma instituição escolar específica. Entretanto, apesar das aproximações, a presente pesquisa distancia-se das mesmas e torna-se original devido sua ênfase no processo educacional junto às conjunturas do contexto ditatorial e o processo de instalação das malharias no município. Constitui como objeto de estudo a educação na Ditadura Militar e a instalação de malharias correspondentes ao período.

Salientamos que a relevância deste estudo está na compreensão do processo de manufatura têxtil e desenvolvimento da cidade de Imbituva- PR através de seus conterrâneos, bem como analisar o contexto vivido associado ao período do governo militar, assim como explorar as relações educacionais que se envolvem neste transcurso. Reconstituir parcialmente este processo é fundamental para entendermos o contexto histórico, os progressos e retrocessos da sociedade atual. Dessa forma, a história oral possibilita contribuir para uma análise social, econômica e educacional diferente do que se apresenta.

[...] a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos” contribuem para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais

comovente, mas também *mais verdadeira* (THOMPSON,1992, p.137, grifo do autor).

Destacamos que a pesquisa tem a pretensão de contribuir para melhor análise do processo de instalação da malharia feminina em Imbituva-PR, assim, como redesenhar alguns aspectos da História da Educação local. Por isso, ressaltamos que pesquisar o histórico educacional, especificamente em Imbituva, é um campo profícuo para outras análises da educação regional e do desenvolvimento da potencialidade da “Cidade das malhas”, agora inteirada de outra realidade.

Assim, para a realização da pesquisa utilizamos do aporte da História Oral bem como sua metodologia. A história oral consiste na realização de entrevistas com indivíduos que concedam voz a um fato histórico determinado, circunstâncias, a cultura e outros aspectos necessários ao estudo. A entrevista, portanto, constitui-se no principal meio de registro para a compreensão do passado, junta a outras fontes históricas enriquecem a exploração da história abordada, apresentando-se como um meio de novas descobertas e registros.

O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro “subjetivo” de como um homem, ou uma mulher olha para trás e enxerga a própria vida em sua totalidade, ou em uma de suas partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para compreensão de qualquer entrevista; mas para esse fim as coisas se tornam o texto fundamental a ser estudado (THOMPSON, 1992, p.258).

Tal citação compreende a questão da entrevista como instrumento imprescindível da história oral no sentido de registro da memória, seja ela total ou parcial. Desse modo, os homens no tempo necessitam acessar os dados contidos na sua memória e ressignificá-los a ponto de compreender o presente. Sendo assim, os entrevistados da pesquisa podem ser entendidos como memorialistas de um dado período, como também fonte histórica (voz do passado) para a reelaboração da história da educação e das malharias em Imbituva.

Em conformidade com Paul Thompson (1992) em sua obra “A voz do passado: História Oral” a entrevista possui etapas a serem seguidas criteriosamente pelo pesquisador.

Inicialmente versa sobre a importância da preparação da entrevista com informações básicas comumente adquiridas por meio da leitura. Dessa forma, pode-se ter o conhecimento a respeito da temática e listar as questões a serem indagadas. Ressalta-se que a imparcialidade é indispensável, assim como a entrevista necessita ser executada em um ambiente escolhido pelo informante, o qual deve consentir a gravação para registro de suas afirmações. Assim sendo, o entrevistador encontra-se apto a realizar este procedimento no método da História Oral (THOMPSON, 1992).

Dentre as contribuições deste método no estudo social destaca-se sua importância ao lembrar que até pouco tempo as mulheres estiveram excluídas do processo histórico como participantes, assim como, os indígenas, negros, ciganos e povos que por muito tempo foram vistos como minoria. Da mesma forma, declara que o uso da entrevista possibilita o desenvolvimento e escrita de uma história a partir de atores e autores não considerados na história oficial.

O autor supracitado reitera que:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Após a fundamentação teórica, foram realizadas três entrevistas com cidadãos imbituvenses. Estes foram selecionados a partir dos seguintes critérios: 1) foram empreendedores no desenvolvimento do setor de malhas; 2) estiveram diretamente atuando no setor têxtil nos anos de 1970; 3) ente familiar da primeira empreendedora feminina no ramo de malhas em Imbituva – PR. Desse modo, justificamos que o primeiro entrevistado representa a percepção política local no período de instalação das malharias. O segundo retrata um viés administrativo econômico deste mesmo setor. E o terceiro apresenta alguns fatos biográficos de Alcione Prestes Chioratto.

A coleta de dados se deu a partir dos seguintes passos: 1) elaboração das questões; 2) localização dos entrevistados e solicitação de consentimento de entrevista; 3) o agendamento com os entrevistados; 4) realização das entrevistas; 5) armazenamento e transcrição dos dados levantados; 5) assinatura do termo de

consentimento livre e esclarecido 6) interpretação dos dados.

Na escrita do presente trabalho utilizamos as seguintes nomações: Participante 1 para o entrevistado 1; Participante 2 para o entrevistado 2; e Participante 3 para o entrevistado 3. Inicialmente foram realizadas as questões a serem respondidas, e para tal, houve uma contextualização do cenário de Imbituva através de alguns estudos de caso, os quais permitiram algumas ponderações, visto que apresentavam algumas lacunas a serem preenchidas para a melhor compreensão deste tema. Destas, foram feitas indagações que serão expostas como pontos de destaque neste trabalho.

As entrevistas foram realizadas em um local escolhido pelos participantes e buscamos seguir a metodologia da História Oral explicitada na obra de Thompson (1992). Além disso, utilizamos outras fontes históricas, como: três livros de memorialistas da história de Imbituva – PR e dois livros ata de registros de uma malharia (Cyglá) da senhora Alcione Prestes Chioratto.

Diante disso, ressaltamos que o livro “Imbituva, uma viagem de retorno à cidade natal” da autora Edemê de Matos enfatiza as riquezas nativas e a economia, relacionando-se à erva-mate e a madeira, trata também dos empreendedores do início do século XX até 1970. É a partir deste estudo que iniciei o presente estudo. A memorialista resgata o histórico das famílias que constituem o município. Nesta fonte encontramos registrados os nomes dos familiares, fotografias e relatos que, por sua vez, coincidem com a época do regime militar brasileiro.

A obra “Memórias de Imbituva: História e Fotografia”, de Cleusi T. B. Stadler aborda a cidade de Imbituva desde a colonização indígena e tropeira, tratando dos conflitos ali existentes, menciona os fatos históricos mais importantes marcados pelas suas datas, assim como faz amostras de lugares, famílias e eventos da cidade. Tais registros são de grande valia no processo de reconstituição histórica parcial do objeto pesquisado.

A terceira obra denomina-se “Imbituva – Uma cidade dos Campos Gerais”, da autora citada anteriormente. Esta obra traz a descrição das características do município, bem como a questão dos grupos sociais (alemães, italianos e poloneses) no processo de constituição e formação social econômica, política e cultural da cidade e os aspectos religiosos (igreja católica, igreja luterana e igreja presbiteriana).

Apresenta o ensino desde a criação das primeiras escolas. Através desta análise iniciamos o estudo sobre a educação presente no decorrer da época tratada.

Para a compreensão do cenário nacional quando ocorrida a Ditadura Militar no Brasil, de modo que se pudesse perceber a temática educacional, social, política e econômica estabelecida no modelo de sociedade implantado ao decorrer de 21 anos. Para isso, utilizou-se como subsídio teórico os autores Fico (2004); Ferreira Jr e Bittar (2006); Ferreira Jr e Bittar (2008); Saviani (2008); Nascimento (2006); Batistella (2015), entre outros que contribuíram para a sistematização da pesquisa.

O texto desdobra-se em três capítulos. O primeiro capítulo disserta sobre a metamorfose social decorrente da Ditadura Militar no Brasil desde à destituição de João Goulart. Faz uma alusão acerca da oposição ao comunismo e a exaltação do patriotismo. Incorporado a esta contextualização faz-se uma relação política do Estado do Paraná com o regime estabelecido, ou seja, como este período se fez presente em solo paranaense. Para tal, relata os meios de controle social implantados no estado e suas vinculações com o desfecho político da região. Desse modo, aborda o setor educacional e seu desenvolvimento no país dentro de sua história sublinhando o enredo político, a economia traçada pelos princípios do capitalismo e os desdobramentos do governo no que se refere a sua administração e as consequentes mudanças na sociedade brasileira.

O segundo capítulo traz um breve contextualização de Imbituva em seu percurso histórico e sua trajetória educacional, bem como as relações da educação no município ao decorrer do período ditatorial, destacando os anos de 1975- 1980.

O terceiro capítulo explora a instauração das primeiras malharias na cidade e os principais agentes neste processo de transformação, bem como a formação e escolarização dos trabalhadores e protagonistas no período. Desse modo, discorre sobre o papel social da mulher no surgimento desta nova atividade econômica. Ainda, retrata a crise econômica dos anos de 1990 e as interferências da Ditadura Militar nos aspectos citados. Para tanto utiliza de documentos e das entrevistas realizadas junto aos colaboradores desta pesquisa.

Por fim, transcreve-se Thompson ao mencionar que “a possibilidade de utilizar a história para finalidades sociais e pessoais construtivas desse tipo vem da natureza intrínseca da abordagem oral. Ela trata de vidas individuais – e todas as vidas são interessantes”.

2. BRASIL: EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

O Brasil desde sua colonização perpassa desfechos históricos de grande relevância em sua constituição. Por isso, o presente texto destaca análises de uma conjuntura histórica, social e política específica, a partir dos anos de 1960.

A atual organização social do país decorre deste longo e complexo percurso da história que apenas pode ser compreendido diante de um aprofundamento científico que diante de alguns olhares é visto como momento que prescreveu tortuosos caminhos para a nação. O capítulo a seguir busca explorar as características do regime político militar na tentativa de compreender as correlações ainda existentes e que foram determinantes neste processo histórico.

2.1 CONTEXTO BRASILEIRO NOS ANOS DE 1960

O dia 31 de março de 1964 foi marcado por mudanças no quadro institucional da história brasileira, que estabeleceu a consolidação e extensão dos ideais capitalistas nacionais propostos pelas políticas anteriores. Assim, há 55 anos, o Brasil iniciou uma intensa transformação do contexto social (FERREIRA JR; BITTAR, 2008, p. 334).

Após as tentativas de eleição por um viés democrático, os propugnadores que eram compostos pelos políticos e militares, defendiam os pressupostos do capitalismo⁵, demarcando as classes populares como uma ameaça para suas concepções, uma vez que a luta operária por eles foi defendida e justificada como uma ameaça socialista.

Até então, os militares só eram chamados para depor um governo ou transferi-lo para outro grupo político devido à ineficácia da gestão vigente. De acordo com Fico (2004) houve interferências militares no Brasil antes de 1964. Nesse contexto, os propugnadores elencaram as causas para destituição de João Goulart, a partir da incompetência do governo Goulart em reequilibrar o sistema político e a incerteza de um golpe de apoio comunista que tomaria proporções inestimáveis e

⁵ O capitalismo correspondente à Ditadura Militar no Brasil denomina-se Capitalismo Financeiro ou Capitalismo Monopolista. De acordo com Maciel (2014), “a consolidação do capitalismo monopolista durante a Ditadura Militar favoreceu o crescimento e a disseminação dos aparelhos privados de hegemonia ligados às classes dominantes, criando uma sociedade civil com crescente capacidade de produção de consenso, mesmo que passivo, e de organização dos interesses dominantes”.

incontroláveis. Destas abordagens justificou-se a necessidade de um governo militar que estabelecesse mudanças definitivas e acentuadas de modo que suprimisse alguns atores políticos antagonistas à seus conceitos.

O acontecimento de 1964 antecedeu eventos nacionais ocorrentes no mandato de Juscelino Kubitschek, pautado em muitas metas e no slogan “50 anos em 5”, bem como propagava argumentações políticas que evidenciavam a política nacional desenvolvimentista. No entanto, havia duas vertentes opostas, e simultaneamente, à política nacionalista, ocorriam planos e ações acerca da industrialização através da economia (SAVIANI, 2008).

Nesse sentido, os anos de 1960 foram, também, marcados pela produção de bens de consumo⁶, ou seja, uma predeterminação da finalização das atividades industriais internacionais, pois o país caminhava rumo ao desenvolvimento. Entretanto, não havia contentamento por parte de alguns representantes do governo (SAVIANI, 2008).

Sendo assim, o presidente João Goulart, em seu mandato esteve diante de lutas que se voltava à Reforma Agrária e aos direitos trabalhistas, como a Liga Camponesa⁷, liderada por Francisco Julião e, pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) com seus sindicatos rurais (BATISTELLA, 2015).

Ainda, Batistella (2015), explicita que os movimentos não se restringiram ao meio rural, visto que, no meio urbano as lutas se intensificaram, exigindo do governo respostas sobre a Reforma de Base e demais providências para com a pobreza que assolava o país devido à alta inflação.

Diante das reivindicações e problemas, o governo de Goulart começou a sentir a rejeição popular por meio de seu Plano Trienal e pela escolha de cargos em seu ministério que vinha a fomentar as políticas que não favoreciam a população (BATISTELLA, 2015).

⁶ São aqueles bens destinados ao uso de Consumidores Finais caracterizando-se ainda por não estar sujeitos a mais nenhum processo de transformação (produtos acabados) [...] Os bens de Consumo são classificados como bens de consumo duráveis e não duráveis [...] Os bens de consumo duráveis são aqueles que têm um ciclo de vida e uso, junto ao consumidor, durante um período razoável de tempo, não sendo consumidos ou sofrendo um desgaste imediato. Exs: automóveis, televisor, geladeira, etc... Os bens de consumo não duráveis são os chamados de consumo imediato (ou de curta duração). Exs.: alimentos, roupas, calçados, etc (PAGNANI, 2004, p. 02-03).

⁷ A Liga Camponesa paranaense representou as lutas travadas no campo no Estado do Paraná. Para atender as reivindicações populares, criou-se o Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná (GETSOP) que, por sua vez, reunia os interesses da União e do Estado do Paraná, possibilitando o título de terras e amenizações de muitos conflitos na região (BATISTELLA, 2015).

Perante a situação, o governo de João Goulart ficou suscetível à derrubada, fato que se concretizou pela revolta dos fuzileiros e marinheiros que estavam apoiados pelo governo a partir da liderança do Marechal Humberto Castelo Branco, o qual alegou que o país encontrava-se sob ameaça comunista⁸.

O grupo contrário ao governo Goulart compunha-se de militares, da imprensa, adeptos da Igreja, de empresários, representantes de vários meios de comunicação e outros cidadãos (BATISTELLA, 2015). A partir destes, desmantelou-se o poder do governo de Jango. Sendo assim, o Brasil iniciava uma nova fase em primeiro de abril de 1964⁹.

Nesse contexto, o governador do Paraná, Ney Braga, teve sua participação no desfecho do regime político em 1964, uma vez que se articulava politicamente, com os partidos: Partido do Trabalhador Brasileiro (PTB), Partido Democrata Cristão (PDC), União Democrática Nacional (UDN), Partido Trabalhista Nacional (PTN); formando o que se denominou “quadrilátero situacionista” (BATISTELLA, 2015). Em 1963, Ney Braga rompeu com o PTB e deu outros prosseguimentos.

Houveram manifestações contrapondo-se ao novo governo instaurado, sendo assim, iniciaram as perseguições às principais personalidades políticas, essencialmente os que defendiam às reformas de Base, tal como, os estudantes, os sindicalistas, até mesmo com alguns militares. Goulart exilou-se no Uruguai (BATISTELLA, 2015).

2.2 A DITADURA MILITAR NO PARANÁ

No que tange ao espaço paranaense, Batistella (2015) argumenta que todos os políticos da região que se opuseram à política de Ney Braga tiveram seus

⁸ De acordo com Marx e Engels (1998, p. 84) “O comunismo distingue - se de todos os movimentos que antecederam até agora pelo fato de subverter as bases de todas as relações de produção e de trocas anteriores e de, pela primeira vez, tratar conscientemente todas as condições naturais prévias como criações dos homens que nos precederam até agora, de despojá-las do seu caráter natural e submetê-la ao poder dos indivíduos reunidos. Por isso, sua organização é essencialmente econômica, é a criação material das condições dessa união, faz das condições existentes as condições da união.

⁹ A definição dada pelo dicionário Michaelis (2019) acerca do governo após primeiro de abril de 1964 até o ano de 1985, é “Governo autoritário, unipessoal ou colegiado, caracterizado pela tomada do poder político, com o apoio das Forças Armadas, em desrespeito às leis em vigor, com a consequente subordinação dos órgãos legislativos e judiciários, a suspensão das eleições e do estado de direito, com medidas controladoras da liberdade individual, repressão da livre expressão, censura da imprensa e ausência de regras transparentes em relação ao processo de sucessão governamental (online).

mandatos cassados, tal como, sofreram com as repressões características do novo regime político do país.

Brunelo (2009) narra que no Estado do Paraná já havia um modelo de administração controlador exercido pela Chefatura da Polícia desde o começo do século XX. Duas décadas depois, passou a ser liderado pela Comissão de Investigação e Segurança Pública, e por fim, no ano de 1937, transformou-se na Delegacia de Ordem e Política Social. Afirma-se que a repressão política perdurou 69 anos através de investigações convenientes à seus interesses.

O período que antecede o governo militar é marcado pela represália aos movimentos sociais e atividades do PCB. Na época que reporta a Ditadura Militar, os agentes repressores voltavam suas atenções e ações aos militantes dos partidos de esquerda (principalmente o PCB), a luta armada, o movimento estudantil, e em seus últimos anos, empenhou-se na contrariedade aos movimentos populares, de direitos humanos que reivindicavam o fim do regime militar (BRUNELO, 2009, p.67 apud PRIORI, 1998, p.22-23).

O mesmo autor ressalta que a terra dos pinheirais esteve devastada pela atuação militar (através da DOPS e CODI-DOI) que foi nomeada Operação Marumbi. Cita o jornalista João Arruda destaca que esta operação compreendeu ao menos 13 cidades, embora os militares afirmassem que as medidas não eram de cunho pessoal ou político, mas de uma ação em prol coletivo (BRUNELLO, 2009, p.67-68 apud ARRUDA, 1983^a, p.13).

Tais afirmações apontam contraposições, dado que os registros relatam que mais de 100 pessoas foram presas e 65 indiciadas acusadas de participação na rearticulação do PCB.

A retomar o início deste contexto, salienta-se que no governo nacional, após o Decreto do AI-1, dia 9 de abril de 1964, o presidente, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco tomou posse da presidência da República, por meio de uma eleição indireta, para exercer o mandato dentre os anos de 1964 a 1966, ou seja, as eleições presidencialistas de forma democrática de 1965 foram vetadas (BATISTELLA, 2015).

O governo passou a operar com uma política dos tecnocratas, ou seja, eram os técnicos que tratavam da economia, administração e iniciativas privadas

defendidas pelo novo regime político, posto que considerava os aspectos práticos, técnicos em busca do crescimento econômico¹⁰.

Nesse contexto, segundo Ferreira e Bittar (2006), o discurso da democracia estava suprimido pelo autoritarismo, a começar pelas fraudes eleitorais, o arrocho salarial, a desigual distribuição de renda, tal como a atuação de órgãos mantidos pelos militares para controle social e imposição ideológica. Nesse sentido, “[...] sem democracia era impossível criticar, fiscalizar e controlar as decisões econômicas e sociais adotadas pelos tecnocratas, em relação às políticas implementadas pelos governos que se sucederam entre 1964 e 1985” (FERREIRA JR; BITTAR, 2006, p.342).

No Paraná, Ney Braga reafirmava o discurso nacional, disseminava as ideias e pensamentos à população. Para isso, os meios de comunicação contribuíam para divulgação das ideias em prol da causa nacionalista e ideológica (BATISTELLA, 2015).

A popularidade e a força política de Ney Braga no Paraná (PR) explicam-se por três fatores: primeiro, seu projeto de modernização e industrialização do estado, até então meramente agrícola; segundo, sua participação na “revolução” de 1964; terceiro pela construção da sua imagem pública como líder competente, bom pai de família, honesto, trabalhador e, sobretudo, católico fervoroso (BATISTELLA, 2015, p. 295).

Dessa maneira, pode-se afirmar o Paraná se constituiu um reflexo das políticas desenvolvimentistas, privatizadoras e tecnicistas defendidas pelo governo federal dentre os anos de 1964 a 1985, sendo Ney Braga um dos precursores deste modelo no território paranaense, utilizando estratégias de manipulação por meio do tradicionalismo familiar, da religião, valores morais, da industrialização e pela sua “luta árdua” em prol de um “Brasil melhor”. De acordo com Batistella (2015) a região paranaense esteve submetida às alianças políticas de interesse do mercado, exclusivo à elite e relativizou a democracia participativa, assim como absteve o povo de seus direitos sociais.

Imbituva como uma cidade a 176 km da capital do Estado do Paraná, esteve atrelada ao cenário da política e da economia nacional e estadual, assim, a

¹⁰ Dentre as medidas acionárias adotadas pelo governo nacional em ordem de acontecimento, cita-se, Plano de Ação Econômica do Governo (1964-1966), Plano Decenal de Desenvolvimento Econômico Social (1967-1976), Programa Estratégico de Desenvolvimento (1968-1970), Reforma Universitária (1968) e Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus (1971) (FERREIRA JR; BITTAR, 2008).

caracterizamos, neste período, como a fase inicial de desenvolvimento econômico¹¹.

Neste mesmo tempo, a cidade estava em constante transformação social, pois adotava modelos de urbanização e industrialização, fatores que desencadearam outras atividades econômicas a destacar-se no município, as quais serão explicitadas ao decorrer do segundo capítulo.

2.3 CENSURA E REPRESSÃO: A IMPOSIÇÃO MILITAR

Para Segatto (2014), o governo militar “destituiu o governo democrático constitucional da República, em abril de 1964, e seus desdobramentos históricos”. Por este seguimento, subentende-se que o termo “Ditadura Militar” caracteriza a extinção da democracia e dos direitos dos cidadãos, no sentido de controle total de todas as instâncias governamentais e exercício de poder coercitivo sobre a população.

A partir do lema “Brasil: o país do futuro” justificava-se as ações dos responsáveis pela política nacional e, juntamente, sob a lógica de segurança nacional, no ano de 1964, criou-se o Serviço Nacional de Informações - SNI. Por conta disso, as operações de segurança definida pelos militares consistiam em prisões, torturas, interrogatórios e extermínios praticados pelo Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) e outros órgãos de informações como Centro de Informações do Exército (CIE), Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA), Centro de Informações da Marinha (CENIMAR) e outros (FICO, 2004).

A censura¹² era recorrente e pertinente à concepção militarista deste período, posto que o governo militar via a necessidade de estabelecer-se no país e para tal, utilizava de suposta sutileza para vetar atos políticos. Destas medidas que visavam às proibições, ressalta-se que algumas já eram legalizadas, bem como a que se

¹¹ O desenvolvimento econômico de Imbituva neste momento citado retrata o desenvolvimento de setores econômicos como o ciclo da madeira e da erva-mate, porém ainda neste mesmo intervalo de tempo ocorre o início de uma nova atividade econômica, a instalação das primeiras malharias no município. Para acréscimo de informações consultar a obra “Imbituva: uma viagem de retorno à Terra Natal, da autora Edemê de Matos.

¹² [...] censura é o controle da informação que pode e da que não pode circular livremente em um país, o ato ou efeito de censurar. Para tanto, os grupos de poder, criminalizam certas formas de expressão, proíbem de circular certos tipos de conteúdo. Com o intuito de fazer com que certas ideias consideradas perigosas ou nocivas para a ordem vigente não se propaguem (SIGNIFICADOS BR, s/d, online).

referia à diversão pública, outorgando-lhes autoridade de intervenção nas atividades desempenhadas no meio artístico. Áreas como, o teatro, cinema e música foram alvos do controle militar. A considerar que a aproximação popular sobre a vivenciada pelas classes populares como fator de grande influência ideológica e possíveis manifestações. Os procedimentos dos militares pautavam-se na alegação de que deveriam defender a moral e os bons costumes (FICO, 2004, p.37).

Era o direito a não ter direito e de questionar uma realidade política conduzida arbitrariamente, mas de forma efetiva pelo controle realizado de maneira austera pelos militares que censuravam os meios de comunicação, colocando assim, mordanças nas bocas daqueles indivíduos que podiam denunciar as irregularidades existentes (BRUNELO, 2009, p.35).

Em 1968, criou-se a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) que enalteciam o amor, a participação, o patriotismo, e outros aspectos, por meio de filmes na mídia. Nesse mesmo intuito, criou-se, também, a Divisão de Censuras de Diversões Públicas (DCDP).

Além disso, o descontentamento de alguns líderes governamentais, ainda, resultou na defesa do discurso sob o lema “Brasil: Ame-o ou deixe-o”, que buscava a determinação de uma ordem ao invés da influência dos meios de comunicação que manifestavam o patriotismo e os princípios a serem seguidos socialmente.

Dentre os anos de 1964 a 1985 a população jovem esteve a frente de muitos movimentos. Muitas pesquisas a cerca dos jovens abordavam a juventude de uma forma estereotipada, ou seja, generalizada através de padrões de comportamento, relações grupais, crises naturais, entre outras definições. Entretanto, grande parte da juventude já se mostrava politizada e ingressada em ações democráticas e submetidas à maior das inferiorizações (GIANORDOLI NASCIMENTO, 2006).

Os anos de 64 e 85 não se referem apenas à Ditadura, mas sim, ao conservadorismo que já existia na época que entrava em confronto ao movimento hippie, as vanguardas e a liberalização das práticas sexuais. A TV globo também sofreu a censura ao representar novelas realista-naturalistas que falava da vida urbana nas grandes cidades brasileiras (FICO, 2004, p. 38).

Segundo Gianordoli Nascimento (2006) o objetivo da juventude brasileira não compreendia apenas a derrubada do governo militar através da luta armada, mas buscava a revolução nos costumes, bem como as relações estabelecidas no

ambiente social, de forma que se priorizasse a igualdade, respeito e valorização de todos os indivíduos.

Nesse sentido, ao cantarolar do “Eu te amo meu Brasil, eu te amo!” a sociedade devastava-se pela impunidade e injustiça. Extinguia-se o direito de pensar e manifestar-se. Se, por um lado a população cantava alegremente os trechos da música de Dom e Ravel, de outro, se calava. Aos poucos, o patriotismo exacerbado apresentado na canção citada, além de passar despercebido a muitos ouvidos, alimentava o falso discurso de liberdade para os jovens, entre outros agravantes¹³.

O papel do jovem¹⁴ no Brasil diante do contexto da Ditadura Militar tem sido representado sob um viés mais crítico, posto que as pré concepções historicamente construídas sobre este público vem sendo rompidas através dos estudos que reconstróem partes da história e, por conseguinte, desconstrói pensamentos que também compõem nossa cultura historicamente estereotipada (FICO, 2004).

De acordo com Gianordoli Nascimento (2006) ao citar Romagnoli e Gonçalves (1979, p.08) a juventude estava ativa nas militâncias pelo país, a citar uma passagem marcante na luta destes movimentos, relembra a repercussão da morte do estudante Edson Luis de Lima Souto, que por sua ocorrência incentivou os militantes a lutarem veementemente pelos direitos educacionais e fazer oposição às ações desmedidas do governo. Deste trecho convém afirmar que o trecho “Ninguém segura a juventude do Brasil” da mesma canção citada anteriormente estava sendo levada a sério dentro dos pressupostos defendidos pela classe.

Sabe-se que este cenário compõe um vasto campo de estudo hoje possibilitado aos demais por via de muitas pesquisas científicas. A democratização do conhecimento permite que estes conteúdos adentrem a sala de aula na forma de aprendizado e pensamento crítico, que oportunizam ao jovem educando a um meio de alforriar as ideias até então encarceiradas pelo senso comum. A educação, ponto chave desta pesquisa, é o agente de transformação, responsável pela formação de

¹³ Ema análise detalhada da música pode-se constatar que esta realça a concepção militarista, utiliza de uma linguagem sexista, abordando termos pejorativos com relação à mulher, principalmente a mulher negra referida ao termo “mulata”, sobretudo objetificadas diante da interpretação social atribuída à obra. Traz um conceito de Brasil estereotipado, visto como terra de praia ensolarada, carnaval e mulheres bonitas. Sublinhando a constante ideia de progresso.

¹⁴ Os estudantes lutaram em 1968 por mais verbas para as escolas e Universidades, pela melhoria dos espaços de estudo, das bibliotecas e dos laboratórios, pela modernização dos equipamentos de ensino e de pesquisa e, principalmente, pela ampliação do acesso da população ao nível superior. Havia uma reivindicação por políticas de auxílios a estudantes de baixa renda: bolsas de estudo, transporte e restaurantes mais baratos. (GIANORDOLI NASCIMENTO, 2006, p. 26 apud Romagnoli e Gonçalves, 1979).

sujeitos capazes de interpretar sua realidade e travar a luta em defesa da democracia. Sem a educação, a história não é contada, analisada e tão pouco inspira novas revoluções.

2.4 ECONOMIA E EDUCAÇÃO: O REGRESSO

A economia brasileira após os anos de 1964 caracterizou - se pelo arrocho salarial, reajuste no preço das mercadorias de acordo com o valor inflacional, valorização do dólar, instabilidade empregatícia através do Fundo de Garantia de Tempo de Serviço, ampliação e modernização das indústrias e do setor agrícola que se encaminhava ao mercado externo (FERREIRA JR; BITTAR, 2008).

O ranking que o Brasil passou a ocupar entre os países de melhor economia estabeleceu a ideia de que um governo que se organiza sem os princípios de liberdade democrática tendia a evoluir de acordo com seus preceitos tecnocráticos, tal como aconteceu no regime militar, pois “Desse modo, a simplificação da política pelo viés do autoritarismo funcionou como indutor do crescimento das forças produtivas que elevaram o Brasil do “49º lugar” para a posição de ‘8º lugar’ no âmbito da economia mundial” (FERREIRA JR; BITTAR, 2008).

No governo de Humberto Castelo Branco constituiu-se o Plano de Ação Econômica do Governo que apenas foi executado no governo Octavio Gouveia de Bulhões. Nesse contexto, o Brasil seguia o modelo dos “Tigres Asiáticos¹⁵”. Nosso país era o reflexo dos outros países no que se refere às ações desenvolvimentistas.

No cenário educacional, o regime militar pautou-se no slogan “Brasil Grande Potência”, e para fundamentá-lo e executá-lo realizou as reformas educacionais no ano de 1968 e 1971, as quais utilizaram o ensino técnico para atender as demandas de mercado. Estas foram implementadas durante os anos de 1964 e 1985 tinham a finalidade de aumentar a produtividade, priorizando o mercado de trabalho e modernizar os meios capitalistas de produção (FERREIRA JR; BITTAR, 2008).

¹⁵ O termo Tigres Asiáticos se refere a quatro países da Ásia (Hong Kong, Cingapura, Coreia do Sul e Taiwan), que a partir da década de 1970 alcançaram um acelerado desenvolvimento industrial e econômico. Em razão da agressividade administrativa e da localização desses países, eles receberam tal denominação (FRANCISCO, s/d, online)

Sendo assim, as políticas educacionais desencadearam mudanças em todas as etapas da educação, fundamentados no tecnicismo¹⁶, portanto, expandiram a quantidade das escolas de 1º e 2º grau, de forma que a quantidade de instituições se sobrepôs à qualidade de ensino. Passou a atuar de forma vigilante e repressora no interior das universidades a fim de monitorar as atividades acadêmicas, tal como priorizou a iniciativa privada para com o ensino superior (FERREIRA JR; BITTAR, 2006).

A educação passou a ser compreendida como um aparelho ideológico do Estado. Tal influência culminou em uma Ditadura pautada em perseguições, prisões, torturas e assassinatos aos contrários a essa nova configuração política. Afirma-se, que a escola teve grande relevância neste processo (FERREIRA JR; BITTAR, 2006).

Por isso, a escola exerceu um papel de “faca de dois gumes”: por um lado, se constituiu um instrumento de repressão e imposição social, ou seja, um aparelho ideológico a serviço do estado, onde a doutrinação era muito presente a fim da manutenção do regime político vigente; por outro, grande parte das oposições às políticas militares eram compostas por movimentos estudantis, embora, a escola e a universidade não fosse o espaço de discussão, questionamento e tomada de partido político e ideológico, pois foi espaço de grande união e tentativas de libertação do pensamento, da conquista pela concepção crítica social.

Ferreira e Bittar (2008) explicitam mudanças na classe dos professores públicos estaduais em dois aspectos: crescimento do número de professores e o arrocho salarial presente em todo o período. Tais fatos trazem uma caracterização contrária ao período, porque o crescimento da docência¹⁷ como categoria de profissão, subentendia-se que não se destinava mais apenas ao crescimento, mas também a popularização desta.

Até então, a categoria de professores compreendiam em sua maior parte indivíduos de classe média e alta, porém, além de estar num processo de popularização, houve o aligeiramento da profissionalização do proletariado, que por sua vez, desqualificou alguns cursos (FERREIRA JR; BITTAR, p.1162 apud MILLS 1979, p. 147).

¹⁶ De acordo com o Dicionário online de Português (s/d, online) este termo “se refere, pertence ou é próprio do tecnicismo, valorização exagerada de recursos técnicos ou tecnológicos”.

¹⁷ A Confederação dos Professores Primários do Brasil (CPPB) passou a ser a Confederação dos Professores do Brasil (CPB), devido à reforma educacional de 1971 (FERREIRA JR; BITTAR, 2006, p. 1161-1162).

A reforma universitária de 1968 foi determinante no que concerne às mudanças no ensino superior, bem como a nova organização departamental substituindo o sistema de cátedras vitalícias e a inserção do ciclo básico na formação superior. Portanto, a reforma educacional de 1968 desencadeou aos alunos de 1º e 2º grau um viés de formação acadêmica. Até então, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 4.024/61) não previa, por tratar da diferenciação das formações realizadas em escolas e faculdades.

A Lei n. 5.692/71, na esteira de 1968, foi mais enfática quanto à formação do professor de 1º e 2º graus. Entre outros motivos, porque duplicou, de quatro para oito anos, a obrigatoriedade do ensino fundamental a cargo do Estado. O então ministro da educação, coronel Jarbas Gonçalves Passarinho, na sua exposição de motivos, quando da apresentação do anteprojeto de lei ao general-presidente Emílio Garrastazu Médici (FERREIRA JR; BITTAR, 2006, p.1164).

Pode-se afirmar que o ensino foi sendo relativizado e precarizado para a grande parte da população, em termos de profissionalização e de aquisição de conhecimentos por parte dos beneficiados, os alunos. Descreve-se esse fato, lembrando todas as características opressoras do governo militar sobre as instituições.

A abordagem sobre a educação traz uma inevitável reflexão, revela alguns questionamentos acerca do período de 1964 a 1985 no quesito “milagre econômico¹⁸” marcas com a política do arrocho salarial, de modo que o salário não seguia o valor da inflação. O salário dos brasileiros sofreu grande redução, a população de professores do ensino básico também se viu atingida por essas medidas (FERREIRA JR; BITTAR, 2006, p. 1166).

No final de 1970 houve o aceleração da proletarização dos educadores e em contrapartida, anos depois houve a queda salarial, que por sua vez, originou em greves estaduais. Todos os contratemplos sociais desencadearam em uma nova identidade do professorado quanto a seu papel e status social, uma vez que se viam à mercê da precarização econômica do país (FERREIRA JR; BITTAR, 2006, p.1162-1166).

¹⁸ Milagre Econômico ou "milagre econômico brasileiro" corresponde ao crescimento econômico ocorrido no Brasil entre os anos de 1968 a 1973. Esse período foi caracterizado pela aceleração do crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), industrialização e inflação baixa. Contudo, por trás da prosperidade, houve o aumento da concentração de renda, corrupção e exploração da mão de obra (BEZERRA, 2019).

De acordo com Beluzo e Toniosso (2015), após o rompimento com o método Paulo Freire pelo governo militar, a educação tecnicista foi realçada através do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Sendo assim, pode-se convir que houve um aligeiramento na formação da população para a mão- de obra mercantil e esta mesma característica coincide com o público de professores.

Nessa perspectiva, afirma-se que surge uma posição secundária ocupada pelo professor e pelo aluno, posto que atuavam como meros executores de uma concepção educacional que já estava planejada, coordenada e controlada por indivíduos denominados especialistas apartidários (ALVES, 2008, s/p. apud SAVIANI, 2007, p. 382).

Os professores formados nos cursos de licenciaturas curtas das faculdades privadas noturnas substituíram a pequena elite intelectualizada das poucas escolas públicas antes existentes. A extensão da escolaridade obrigatória de quatro para oito anos ocasionou a rápida expansão quantitativa da escola fundamental, exigindo, para o seu atendimento, a célere formação dos educadores, o que se deu de forma aligeirada (FERREIRA JR; BITTAR, 2006, p. 1166).

Os abalos, no cenário político brasileiro, que impactaram a população ocasionou o fenômeno de “reação em cadeia”, no que se refere a “consciência social” que se voltava aos interesses do povo. Houve mudança na forma de percepção da realidade e de luta pela democracia. Mesmo que este passo para muitos ainda se restringe- se às questões econômicas, a causa ainda era legítima, uma vez que acarretou em movimentos de luta operária.

A queda salarial também trouxe muitas desistências de cargo e até mesmo diminuiu o favoritismo à profissão de educador, tendo em vista aos méritos a ela atribuída. Muitos indivíduos migraram para outros setores econômicos de sua região.

Em Mato Grosso do Sul (MG), estado que possui uma das pecuárias mais ricas do Brasil, o então presidente da Federação dos Trabalhadores em Educação, François Vasconcelos, denunciou que “todo dia no Diário Oficial” saía uma lista com nomes de professores exonerados e que “o principal motivo” continuava sendo “o baixo salário” (Correio do Estado, 1995, p. 8). Enquanto isso, no estado de São Paulo (SP), “onde o magistério já foi reduto das mocinhas endinheiradas nos anos 50”, conforme noticiava a grande imprensa, a política salarial espantava os futuros candidatos a uma vaga de professor, revelando “perda de glamour” (FERREIRA JR; BITTAR, 2006, p. 1172 – 1173).

Além da ideologia tecnicista que caracterizou a educação, o regime vigente deixou vestígios no sistema educacional brasileiro, iniciando pela sobreposição do conceito de “quantidade x qualidade” no ensino com a diminuição do tempo de formação voltada para o ensino profissionalizante.

Nesse contexto, as políticas educacionais neoliberais exercidas pelo governo federal, dentre os anos de 1964 a 1985, distanciaram a emancipação do professor mediante uma formação de qualidade e remuneração condizente com o exercício do ofício.

A análise panorâmica da educação nacional pelo viés governamental possibilita sua relação às demais conjunturas. O quesito formação e professores, a estrutura econômica, o modelo educacional tecnicista, as reformas de base transporta-nos à justaposição de cenários determinados.

O município de Imbituva, diante deste transcurso acompanhou o desenvolvimento da época, todavia, as reformas educacionais, o aceleração do magistério e ao ensino técnico. Tais apontamentos serão explanados no capítulo seguinte.

3. IMBITUVA: HISTÓRIA DA CIDADE E CONTEXTO EDUCACIONAL DOS ANOS DE 1975-1980

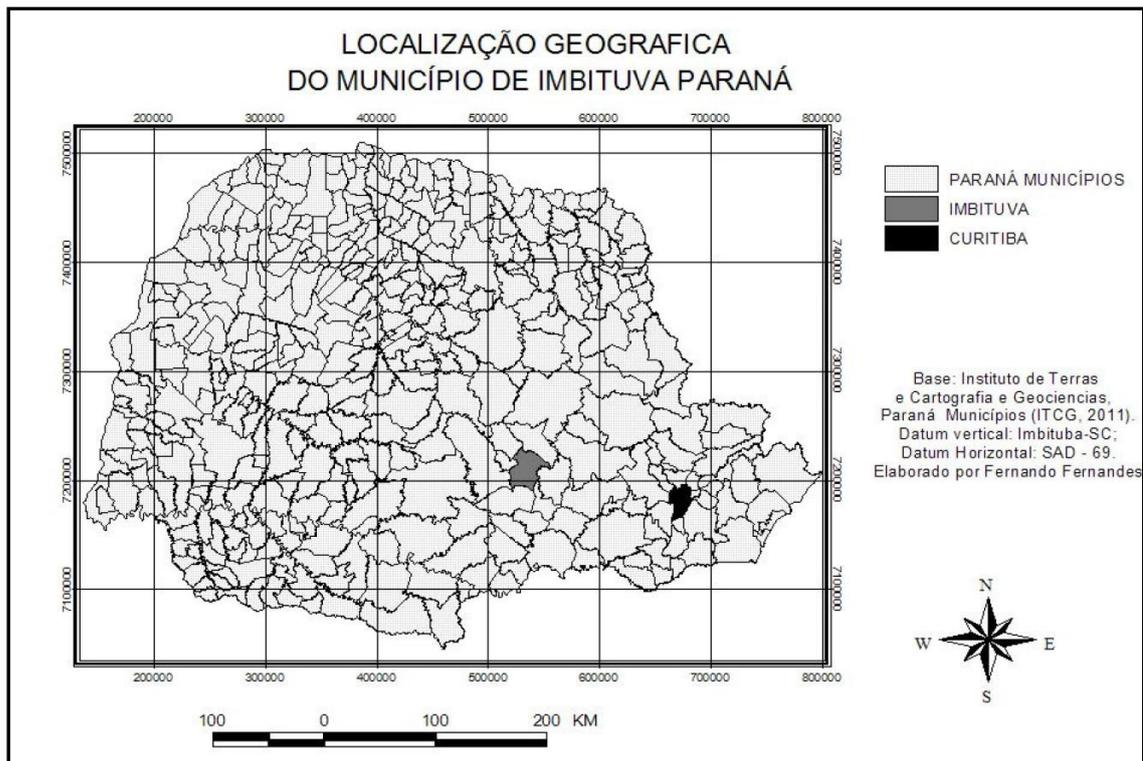
A narrativa de uma história requer uma retomada de contexto abrangente, compreender o passado diante do conhecimento histórico das relações políticas, econômicas, culturais e sociais. Este estudo exige uma conceitualização do período abordado em suas temáticas específicas. A partir destes preceitos busca-se associar a um determinado acontecimento a fim de perceber as interligações que por muitas vezes estão ocultadas ou passam despercebidas aos olhos da maioria, isto é, relacionar ao que já foi supracitado nos escritos anteriores e engajá-lo às abordagens posteriores.

Assim sendo, este capítulo assenta-se na descrição do lugar e do tempo em que a história de Imbituva acontece, evidenciando o histórico do município em sua configuração, na busca pela identificação característica do modelo educacional apresentando a época de modo a apreender toda história por muitas vezes é vista como alheia a nossa realidade, na realidade, traz heranças e impulsiona constantes transformações sociais.

3.1 O MUNICÍPIO DE IMBITUVA

O município de Imbituva possui 756,479 Km² de extensão territorial e conta com uma estimativa de 32.564 mil habitantes para o ano de 2019. Está localizado na região sudeste do Estado do Paraná (figura 1), na Microrregião Geográfica de Prudentópolis, por isso, situa-se a 180 Km da capital do Estado (IPARDES, 2019). Além disso, apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-M) de 0,660%, o que significa IDH-M inferior ao do Brasil (0,749%) (IPARDES, 2006).

Figura 1: Localização Geográfica do município de Imbituva com relação a Curitiba.



Fonte: BOBATO, SILVA JUNIOR, 2012.

A história do município de Imbituva retrata os indígenas, os primeiros habitantes da região. Havia a distribuição de dois grupos, os Tupi- Guarani e os Jê (Gê). O grupo que destacava os Kaingang e os Botocudos não há registro de que se fixaram na região, fator característico destes grupos (STADLER, 2009).

Dentre o processo de ocupação e povoamento, mais tarde, em 1871 os tropeiros se tornaram os responsáveis pelo surgimento da cidade devido à formação de novas comunidades campeiras, bem como pela propagação econômica por meio do comércio¹⁹ (STADLER, 2009). Atualmente, o município tem como limites territoriais (figura 2) os seguintes municípios: Guamiranga, Ivaí, Ipiranga, Teixeira Soares, Fernandes Pinheiro, Irati e Prudentópolis.

¹⁹ O tropeirismo caracteriza grande importância econômica e política no processo de integração do país, sendo o comércio de gado o meio pelo qual difundiram novos povoados ou vilas (STADLER, 2009).

Figura 2: Limites territoriais de Imbituva.

Fonte: IPARDES, 2019.

Inicialmente, o local denominava-se Pouso do Cupim, devido ter sido o espaço de descanso dos tropeiros, de alimentação dos seus animais ou de aguardar a amenização dos fenômenos climáticos que interferiam em seus caminhos. Além disso, o Pouso do Cupim, também, refere-se à conformação geológica das terras, dos montes que aparentavam um enorme cupim. Após tornar-se um povoado, passou a designar-se Imbituva, nome de um rio das proximidades (STADLER, 2009).

O nome Imbituva atribui significados que originam-se da língua tupi-guarani, por isso, imbê = espécie de cipó; tuva= lugar. Sendo assim, seria um local onde havia cipós em abundância. Mesmo que a maioria das traduções do nome da cidade seja semelhante ao citado anteriormente, há fontes que apontam outros significados, como por exemplo, “cobras em abundância” e “muito cupim” (MATOS, 2013).

A chegada de italianos e alemães na Terra do Cupim refletiu em transformações, visto que os mesmos passaram a constituir suas vidas em Guarapuava e Imbituva. As famílias de imigrantes foram fundamentais para o crescimento da cidade, no sentido de uma nova configuração social, política, econômica e religiosa, a partir dos costumes, tradições dos novos habitantes. Logo em seguida, houve o ciclo da erva-mate e da madeira, os quais impulsionaram e propiciaram o desenvolvimento regional (STADLER, 2009).

O pleno avanço da região culminou em atividades econômicas que foram além da erva-mate e da madeira. Cleusi Terezinha Bobato Stadler explana em sua obra “Imbituva – uma cidade dos Campos Gerais”, do ano de 2005, o andamento da

economia do município no decorrer do seu desenvolvimento, bem como do ano a que publicou seu livro.

De acordo com Stadler (2005), no setor industrial, Imituva destaca-se pela indústria têxtil (fabricação de bonés e malharias), exploração de erva-mate, madeiras (fábricas de compensados, laminadoras e serrarias), olarias, indústrias alimentícias (fubá, farinha de milho, queijo, embutidos e bebidas) e indústria de calçados. No setor agrícola, tem-se o destaque da produção de milho, soja, feijão, batata, trigo, arroz e outros. E, no setor pecuário sobressai a criação de bovinos, suínos, caprinos, ovinos, equinos e outras atividades do ramo.

A economia registrada em 2005, o Produto Interno Bruto da cidade mostrava que a 36% das atividades econômicas referiam-se à agropecuária, (milho e soja) 13% com a indústria (madeira, cerâmica, tecidos, calçados, produtos minerais e não metálicos, borracha, etc) e 51% com o setor de serviços.

De acordo com os dados do IPARDES (2019) a agropecuária local evidencia-se e compreende a maior parte do Produto Interno Bruto (PIB) e, a indústria madeireira que emprega mais de 20% dos trabalhadores. Apesar de o destaque econômico ser de outro ramo, a indústria têxtil, especificamente, de malhas deu ao município o codinome de “Cidade das Malhas”, uma vez que conta com uma considerável quantidade de malharias pertencentes à Associação das Malharias de Imituva. Neste setor há empresas de micro ao grande porte, emprega cerca de 500 pessoas anualmente. Na maioria das vezes, a indústria de malhas envolve grupos familiares.

As atividades econômicas que sempre constituíram a base da economia local sofreram alterações ao decorrer dos anos, após as políticas de industrialização, abertura do mercado (colocar rodapé) e outros fatores. Estes serão aprofundados ao decorrer do terceiro capítulo.

3.2 O ENSINO E OS PRIMEIROS PROFESSORES

A chegada dos imigrantes revelou outro modelo cultural de educação, uma vez que o ensino dos filhos destes estava restrito ao meio familiar. Houve até mesmo caso de família alemã que construiu escola e contratou um professor de sua origem para dar aula para seus filhos com o intuito de que se tornassem

alfabetizados. Os poloneses, por exemplo, alfabetizaram seus filhos na própria colônia com auxílio religioso (STADLER, 2005).

O ensino da época priorizava e pautava valores e princípios que atendessem a cultura familiar, bem como por seus costumes, princípios e valores morais, assim como pelas suas crenças religiosas.

O primeiro professor a vir lecionar na cidade chamava-se Julio César de Souza, que além de ser conhecido pelo seu magistério, teve um importante papel social em virtude de suas ações comunitárias aos meninos pobres, uma vez que comprava livros e demais materiais necessários a aprendizagem, assim como dava aulas em qualquer período que fosse solicitado. Seguidamente, vieram Hildebrando de Araújo e João Chrisóstomo Pupo Ferreira, figuras importantes no cenário educacional imbituvense (MATOS, 2013).

No ano de 1886, os imbituvenses expressaram seu manifesto em prol da educação por meio de um ofício enviado ao presidente da província Dr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho. O documento contava com 85 assinaturas, clamava por escolas, por melhores recursos, criticavam a estrutura e a profissionalização dos professores da época, ponderando que estavam “[...] sepultos nas trevas da mais profunda ignorância, destacando a importância da evolução e desenvolvimento da nação” (MATOS, 2013, p.86).

O desenlace dessa trama decorreu através do surgimento das primeiras escolas que buscavam aprimorar sua função enquanto ambiente de formação. Seguido dessas intenções colocadas à prática, viriam algumas transformações: a Escola Paroquial Rui Barbosa, criada em 1895, foi impedida durante a Primeira Guerra Mundial de ofertar a língua alemã, pois a escola tinha como lema “Ensino x Educação”, sendo este último o pilar que fundamentava suas ações voltadas ao aprimoramento humano; a Escola Pública Dr. Franco Vale, fundado em 1912, teve empecilhos que dificultaram o andamento desta, contudo, a instituição esteve em um processo gradual de crescimento, sendo que em 1937 a 1939, a escola que já havia modificado sua nomenclatura para Grupo Escolar e estava dispondo de Curso Complementar que condizia ao ginásio e, ainda, possuía um currículo que integrava o ensino de álgebra, língua francesa e conhecimento geral amplo (MATOS, 2013).

A mesma autora descreve que em 1956 foi instaurada a Escola Normal Regional que iniciou suas atividades em 1957 junto ao mesmo edifício do Grupo

Escolar Dr. Franco do Vale que passou a denominar-se Escola de Aplicação Dr. Franco do Vale.

Houve grande festa na ocasião em que a sra. Diva Vidal – diretora do Departamento de Ensino da Secretaria de Educação e Cultura no Governo Ney Braga foi ao município para instalar [...] o tão esperado curso secundário (MATOS, 2013, p.111).

A compor parte da história desta instituição cita a segunda pesquisa citada na introdução deste trabalho, a qual descreve que no ano de 1980 estas duas instituições referidas no parágrafo anterior vieram a constituir-se em uma única instituição denominando-se Colégio Estadual Santo Antônio – Ensino de 1º e 2º Graus. Com relação à formação de professores registra-se que “no ano de 1892, o colégio passou a ofertar os cursos de Magistério e ensino de 1º e 2º graus, com o curso de 2º grau regular, com habilitação plena em magistério e Básico em Agropecuária.” (SANTOS, 2014).

Em 1962, houve a fundação do Colégio Cenecista a fim de sanar as necessidades educacionais de uma maior parte da população de Imbituva, oferecendo curso técnico, a princípio de Contabilidade. Esta foi a possibilidade que muitos encontraram para realizar sua formação escolar, visto que o ensino acontecia no período noturno. Por fim, a denominação da mesma passou a ser Colégio Dr. Theodoro Newton Driedrichs Ensino de 2º Grau (MATOS, 2013).

Ao transcorrer dos 21 anos do regime militar, os diversos setores sociais estivera à mercê do que se denominava “progresso”. No campo educacional, as reformas interferiram no currículo das escolas a fim de atender as demandas governamentais e a educação em Imbituva sentiu as alterações, uma vez que o Colégio Cenecista, passou a ofertar ensino técnico. Nesse contexto, a Escola de Malhas também expressou o modelo educacional tecnicista defendido pelo regime governamental da época.

A descrição sobre o processo educacional imbituvense pode ser associada à política nacional, posto que o país fundamentava-se no aspecto político tecnocrático, o qual priorizava a formação prática, técnica e viável ao aligeiramento da profissionalização com a intenção de conquistar uma melhor posição no ranking da economia mundial. Para isso, as reformas educacionais, a intensificação da industrialização e outras questões a serem explicitadas a seguir.

3.3 INTERFERÊNCIAS DA DITADURA MILITAR NO SETOR EDUCACIONAL DE IMBITUVA

Esta pesquisa objetiva a relação do regime político ditatorial no município de Imbituva aos mais amplos aspectos. Neste item em específico faz-se a análise da interferência do governo militar na educação.

Cita-se, portanto, a reforma educacional de 1971 (Lei 5.692/1971) na qual:

o 2º grau passou a ter como principal objetivo a profissionalização. Em curto e médio prazos, todas as escolas públicas e privadas desse nível deveriam tornar-se profissionalizantes. Elas teriam que escolher os cursos que ofereceriam, dentre mais de 100 habilitações, que incluíam formações variadas como auxiliar de escritório ou de enfermagem e técnico em edificações, contabilidade ou agropecuária. O aluno receberia ao fim do 2º grau um certificado de habilitação profissional. Os governos estaduais teriam que implementar as medidas (AGÊNCIA SENADO, 2017).

Entende-se, portanto, que a educação no município seguiu os parâmetros do ensino tecnicista, o qual visava a formação voltada para o mercado de trabalho e exercício da cidadania, isto é, limitado ao ensino profissionalizante. A Escola Normal Colegial atualizada, de 1957 já acompanhava este modelo educacional. Assim como o Colégio Cenecista, de 1962, que iniciou o curso técnico de Contabilidade ainda em 1963. O Colégio Estadual Santo Antônio, por sua vez passou a adequar-se ao padrão de educação nacional ao ofertar a formação profissional de educadores pelo magistério, o ensino de 1º e 2º graus e o curso técnico básico em agropecuária. Por conseguinte, percebe-se que a educação tradicional, e conservadora já cedia à nova configuração social que transformava-se simultaneamente às política do governo dos generais e até mesmo as que o antecederam.

O viés do tecnicismo foi abrangente e chegou à Terra do Cupim, de modo que trouxe junto de si as alterações e transformações de contexto, para além das escolas aprofundaremos outros setores, bem como o ramo das malhas na cidade a ser aprofundado e explorado ao decorrer do terceiro capítulo.

4. INSTALAÇÃO DAS MALHARIAS E CONTEXTOS ATUAIS

Este capítulo consiste na abordagem da instalação das primeiras malharias na cidade, de modo a se compreender o novo processo de desenvolvimento social de Imbituva. Adentrando ao contexto do setor têxtil busca-se a compreensão dos papéis sociais desempenhados pela população imbituvense. Simultaneamente destacar os principais agentes comprometidos às novas mudanças, sejam de fator econômico, político, educacional ou social. Indaga-se a educação voltada ao público das malharias no que concerne à formação específica e a escolarização dos trabalhadores. As entrevistas realizadas constituíram-se como de grande valia na percepção da realidade através dos fatos relatados.

4.1 A PRIMEIRA MALHARIA

A princípio os escritos de pesquisas locais, apontaram que a primeira malharia da cidade foi instalada em 1975, quando Alcione Prestes Chioratto, uma dona de casa, optou pela revenda de malhas de uma Malharia de Ponta Grossa, a fim de contribuir com a renda familiar, sendo sacoleira. A empresa para qual revendia estava finalizando suas atividades e decidiu dispor de seu maquinário para que a senhora iniciasse sua confecção de malhas. Assim, decidida a aumentar a economia propôs sociedade à senhora Irene Bobato, as quais juntas teriam instalado a primeira malharia em Imbituva (FREITAS, SILVA E SEGATTO, 2013).

Apesar dos contrapontos de informações, pode-se constatar através do relatos do participante 2 que a primeira empresa de malhas instalada em Imbituva pertenceu ao senhor Abílio Nilton Vaz, proprietário que iniciou suas atividades no dia 15 de fevereiro de 1973.

Seguidamente, no ano de 1975, instala-se a malharia Shalom, administrada pelas sócias Alcione Prestes Chioratto e Irene Bobato. O participante 1 afirma que posteriormente, a empresa continuou a ser ministrada por Irene ainda sob uso do mesmo nome. A complemento das informações e da documentação comprova-se que Alcione teria fundado outra empresa denominada Cygla.

Relata-se que após o surgimento da malharia Shalom, muitas pessoas passaram a ser aprendizes de Alcione para que pudessem dominar as técnicas de tecelagem, corte, costura e bordado. Sendo assim, muitas malharias passaram a

surgir em Imbituva, dentre seus donos, muitos aprendizes da anfitriã (IPARDES, 2006).

De acordo com os documentos referentes a esta malharia datam o início de suas atividades no dia 01 de setembro de 1978. O livro de relação dos empregados traz a data de 01 de fevereiro de 1979 para a contratação das primeiras funcionárias. De acordo com a Participante 3, dona Alcione participou de todas as feiras até o encerramento das atividades²⁰.

Figura 3 : Livro de Relação e Registro dos Empregados da Cygla (1).

PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBITUVA
CONVÊNIO-MT/PS/DRT/PARANÁ
REGISTRO N.º = 92

Contém o presente LIVRO (50) FOLHAS
numeradas de 1 a 50, que serviu para o REGISTRO DE
EMPREGADOS da firma IND E COM DE MALHAS CYGLA LDA.

estabelecida em RUA PAPE JOÃO PUPPO-N: 398
IMBITUVA, 20 de FEVEREIRO de 1979
Alcione Prestes Chioratto
ENCARREGADO



TERMO DE ABERTURA
◇◇◇◇◇◇

Ind. e Com. de Malhas Cygla Ltda.
estabelecido ou domiciliado à Rua Prof. João Pupo,
.....n.º 398, nesta cidade, com o negócio de
Malharia
inscrito no I.N.P.S. sob n.º 77.782.630/0001-31
registra o presente livro, n.º 01 com 50 folhas numeradas
tipograficamente de n.º 01 a cinquenta (50) no
Órgão Autorizado
SERVIÇO DE EMPREGO DA DRT LOCAL OU ÓRGÃO AUTORIZADO
em cumprimento ao disposto nos artigos 41 e 42 da C.L.T., declarando
outrossim, que foi apresentada, na oportunidade, como prova de numera-
ção anterior, o livro N.º

Imbituva, 01 de fevereiro de 1979.
Alcione Prestes Chioratto
(Assinatura do Empregador)

OBS.: Modelo de acordo com a Portaria N.º 195 de 10/5/68. D. O. 15/5/68

Fonte: Acervo de Alcione Prestes Chioratto.

²⁰ De acordo com o Livro de Registro (1979) a malharia Cygla encerrou suas atividades no ano de 1992.

Figura 4 – Livro de Relação e Registro dos Empregados da Cygla (2).

ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DAS FINANÇAS

DECLARAÇÃO DE SITUAÇÃO CADASTRAL

1

01 IDENTIFICAÇÃO DO CONTRIBUÍVEL
NOME DO CONTRIBUÍVEL: SIMIDI IELICIM I DIEI MALHARIA I C I Y
GILIA I LITIDIA I
CNPJ: 77782670/0001-31
Cidade: 21 500 516 H
INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MALHAS CYGLA LTDA.
RUA PROF. RUIO POPO, 100
CEP: 21.198
INDUTIVA - PR.

2

02 ENDEREÇO DO CONTRIBUÍVEL
RUA: RUA PRIORE JOÃO PRIORE
Cidade: 844310
Telefone para consulta: 2914

3

03 ENDEREÇO DE FISCALIZAÇÃO - COMPLEMENTO
Cidade: 01/09/1978
Cidade: 24310
Cidade: 12
Cidade: CIB
Cidade: 1

04 IDENTIFICAÇÃO DE SERVIÇOS
1 MALHAS
2
3
4
5

05 DESCRIÇÃO DE SERVIÇOS PRINCIPAIS EXERCICÍO
MALHARIA

4

06 RESPONSABILIDADE FISCAL - RESPOSTA PELA OBRIGAÇÃO FISCAL
NOME DO RESPONSÁVEL: ADEMAR CHUCHEME
Cidade: 0102619049-49
Cidade: 166312
Cidade: A U I DIE I S I G I E M B I A R I O
Cidade: 1313
Cidade: 844310
Cidade: 2914

07 IDENTIFICAÇÃO DO DECLARANTE
DECLARANTE: ADEMAR CHUCHEME
Data: 30/03/81
Cargo: CONTADOR
CPF: 67.320.643
CPF: 002.619.049-49

08 RECEÇÃO
DOCUMENTOS APRESENTADOS:
CARTÃO DE REGISTRO DO C.R.C. - M.F.
FICHA DE REGISTRO CADASTRAL DO C.C.S.
COMPROVANTE DO SAZEPREÇO DO ESTABELECIMENTO
IDENTIDADE DO RESPONSÁVEL PELA DECLARAÇÃO
OUTROS

09 CONTINUA DA REPARTIÇÃO E DATA

FONTE: Acervo de Alcione Prestes Chioratto.

De acordo com o estudo sobre o Arranjo Produtivo Local (APL), houve um constante aumento no número de malharias. Afirma-se que uma nova moradora ao estabelecer-se no município em 1980, notou que haviam de nove a dez malharias no município e todas competiam entre si. A mesma mostrou - se perplexa diante da falta de união e coletividade dos empresários que atuavam no ramo. Portanto, sugeriu à primeira dama da cidade a tentativa de melhoria desta estruturação.

[...] a atuação desses estabelecimentos acontecia de forma isolada e desarticulada. Essa posição individualista dos empresários locais foi, categoricamente, observada por uma nova moradora do município e que viria a constituir importante liderança local, responsável pela estruturação de uma nova configuração institucional e de cooperação entre as empresas integrantes do ramo de malharias da cidade (IPARDES, 2006, p. 14).

Em concordância com os relatos, a nova compatriota citada chama-se Aparecida Deneka, ainda residente na cidade. A primeira dama era a senhora Clodorice Julieta Fenker, esposa do prefeito Nelson Theodoro Fenker que exerceu seu mandato de 1983 a 1988.

Consta-se que as mulheres realizaram uma viagem à Ibitinga (SP), em 1983 para conhecer a Feira de Bordados local. Ao retornar à Ibituva, propuseram a organização empresarial local e até mesmo a realização da Feira de Malhas. O prefeito aderiu às novas ideias e deram início à estruturação da atividade econômica (IPARDES, 2006). Estes personagens são apontados como os idealizadores da Associação de Malhas do município, a qual foi criada em 1988, sendo documentada em 1989 de acordo com os relatos do participante 1.

A nova composição social do trabalho apoiada pela prefeitura rendeu bons resultados para o setor das malharias, uma vez que ofereceu oportunidade de divulgação e promoção dos produtores locais, o que proporcionou maior número de vendas e expansão das atividades (IPARDES, 2006).

A Feira de Malhas de Ibituva (FEMAI)²¹ foi aprovada ainda em 1983 a partir do incentivo da prefeitura juntamente com 11 empresários. Após essa conquista, viu-se a necessidade de uma instituição que administrasse o evento, para gerir os recursos e repassar para a prefeitura. Dessa forma criou-se a Ibitumalhas, ou seja, a Associação de malhas de Ibituva (IPARDES, 2006).

²¹ Atualmente denominada FEMALI. Para complemento de informação, acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=fcpMMXnVHic>.

Cabe ressaltar que este órgão era responsável pela intermediação da matéria prima (lãs e fios) que, em sua maioria, era oriunda de outros Estados como Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. No Estado do Paraná, havia apenas uma indústria de malhas em Arapongas. O maquinário do Arranjo Produtivo Local (APL) era oriundo de cidades como Rio Grande do Sul (mais especificamente Caxias do Sul) que forneciam máquinas computadorizadas da Itália, máquinas elétricas manuais e, também, máquinas de costura. Nesse contexto, quando havia a necessidade de manutenção das máquinas, buscava-se a intervenção de um profissional habilitado no Rio Grande do Sul (FREITAS, SILVA E SEGATTO, 2013).

As primeiras Feiras de Malhas foram realizadas no pavilhão da Igreja Luterana local e desde sua primeira edição obteve um sucesso inestimável às expectativas da população imbituvense.

Figura 5 – Pavilhão de Malhas.



FONTE: Acervo de Edison Pupo.

O Participante 2 destaca o crescimento ao afirmar que em 1985, continham 11 boxes para vendas; já em 1986 destaca que a feira já contava com 19 boxes e no ano de 1987, o espaço abrigava 37 boxes. Em 1990 haviam 120 empresas

integrantes do evento. O participante 1 relata preparação para na feira era e ainda é anual, afim de atender a demanda de vendas e de estabelecerem-se economicamente no próximo ano. Para a realização deste evento, contrata-se mais mão de obra a fim de suprir as necessidades de trabalho.

Nas declarações obtidas, o mesmo atesta que há anos atrás dentre os principais apoiadores da FEMAI estava primeiramente a prefeitura (que na sua visão realizava cerca de 90% do incentivo), depois haviam os apoiadores secundários, como os bancos.

Quanto à atualidade, o segundo participante destaca que o apoio vem prefeitura, da FIEP, SINDITÊXTIL, SICREDI, e parceiros, porém reafirma que 90% dos recursos provêm dos associados, descrevendo a ação da prefeitura como responsável pela infraestrutura básica. Ambos possuem distintas perspectivas ao perceber o processo de desenvolvimento desta organização, no entanto, reconhecem a importância de todas as funções e ações como fundamentais para o crescimento do ramo, considerando também que nos intervalos de tempo pode ter havido algumas mudanças. Esses diferentes pontos de vista serão ocorrentes e compreendidos ao decorrer deste texto.

Com a FEMAI ampliou-se o turismo de compras na cidade de Imbituva, fator que consolidou o comércio atacadista local. Comumente, os empresários fornecem uma comissão para guias de compras realizarem excursões, nas quais transportam e acompanham clientes que podem ser pessoas físicas ou jurídicas (IPARDES, 2006).

De acordo com Freitas, Silva, e Segatto (2013), definem o Arranjo Produtivo Local de Imbituva como parte de um grande conjunto da economia nacional, uma vez que comporta um grande número de malharias e significativa produção de malhas no Estado do Paraná. Ainda em 2013 contavam 44 empresas de malhas de micro e pequeno porte, sendo responsável por empregar cerca de 700 pessoas dentre as que realizavam trabalho direto na empresa e as que exerciam seu trabalho a domicilio, a citar como exemplo, as bordadeiras e crocheteiras que também realizavam os acabamentos das malhas.

Arranjo Produtivo Local – APL, segundo o Sistema de Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP, 2009) é um termo utilizado para definir uma aglomeração de empresas com a mesma especialização produtiva localizado em um mesmo espaço geográfico, limitado ao município, e que possui importância relevante no desenvolvimento

econômico, social e tecnológico de uma determinada região. Por meio do vínculo de articulação, interação, aprendizado coletivo e cooperativismo, somado ao apoio de diferentes instituições locais, podem favorecer ao desenvolvimento das competências industriais com foco no desempenho da competitividade no mercado global (FREITAS; SILVA; SEGATTO, 2013, p.14).

De acordo com a página online da Prefeitura Municipal de Imbituva (2009), “Desde 2005 Imbituva passou a ser um Arranjo Produtivo Local (APL) no setor têxtil, com reconhecimento e apoio do Governo do Estado”. Desse modo, sabe-se que para a ampliação da rede de malharias ocorresse a mão de obra precisou ser aprimorada.

Com o crescimento do número de empresas familiares, buscou-se maior conhecimento de manuseio das máquinas, sendo assim, na maioria das vezes, o treinamento acontecia dentro das malharias, em casos mais isolados, havia o deslocamento à empresas externas, bem como a Escola de Malhas instalada na cidade. Houve então um maior destaque para o cargo de tecelão e operador de máquina computadorizada por requerer uma tarefa mais complexa. Na ausência de profissionais no meio, os poucos habilitados prestavam serviços à várias empresas. Algumas empresas encaminharam seus funcionários para cursos como SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e SESI (Serviço Social da Indústria) na cidade de Ponta Grossa. No entanto, era comum que os próprios empresários realizassem esses cursos (IPARDES, 2006, p. 25-26).

No entanto, o segundo participante pondera sobre a importante atuação do APL pelo período de sete anos, era bem abrangente e auxiliava as empresas nas compras de produtos com descontos até que os Arranjos Produtivos do Paraná, mas vieram e extinguir-se por falta de incentivo do governo.

No transcorrer de todo o desenvolvimento, o setor de malharias em Imbituva criou a Escola de Malhas que surgiu da necessidade de treinar a mão de obra local, a partir do aumento da demanda e da expansão das malharias no município. A Prefeitura disponibilizava a estrutura de instalação da escola, a qual era uma escola profissionalizante que objetivava formar mão de obra para atuar no setor das malharias²². Desse modo, o trabalho cotidiano, também, se constituiu uma forma de aprendizado, pois “considerando-se a vivência dos funcionários no dia a dia das organizações, o que contribui em demasia para o treinamento, adquirindo assim conhecimento acerca de determinadas funções” (IPARDES, 2006).

De acordo com o primeiro, escola esteve em funcionamento no pavilhão da igreja católica e os professores eram funcionários cedidos pela prefeitura. Esta

²² Esse nível de ensino correspondia ao ensino proposto pelo regime militar no país, posto que priorizava o conhecimento técnico e prático para a profissionalização das mulheres para atuar no setor das malhas.

Escola de Malhas esteve presente por muitos anos a ensinar pessoas a dominarem as técnicas de produção e acabamento de peças. Embora, muitos acreditem que esta já não existe, ela ainda está em funcionamento, porém, o fluxo diminuiu consideravelmente, quase não se tem alunos em busca desse conhecimento.

As informações até aqui descritas refletem o processo de crescimento de Imbituva no setor têxtil, porém, as transformações deste cenário não constituem-se apenas em evoluções, mas também em crises econômicas que intervíram conseqüentemente no país e na região.

4.20 PAPEL SOCIAL DA MULHER

Ao analisar o contexto de instalação das malharias é inevitável relacioná-lo ao público que esteve a frente dessa atividade, as mulheres. A princípio porque o ramo das malhas era um considerado de trabalho exclusivamente feminino e depois porque surgiu após a consolidação de outras atividades econômicas, como no setor de madeiras e da erva-mate, nas quais o público masculino era predominante.

Como já referenciado anteriormente, em 1975 inaugurou-se a primeira malharia de gestão feminina, liderada por Alcione Prestes Chioratto e Irene Bobato. Com as malharias a pleno vapor, dona Alcione esteve ensinando em sua casa muitos aprendizes. Sendo assim, questiona-se: Como se caracterizava este público?

Segundo o participante 1, o público era exclusivamente composto por mulheres. Com relação aos ensinamentos da anfitriã descreve que era uma forma de estágio. “Menina, muita menina. Naquele tempo, só as meninas queriam, os homens não se interessavam em malharia. Só as mulheres”.

A acrescentar, o participante 2 argumenta que no começo a maior parte das malharias eram de mulheres que começaram a montar seu negócio, os maridos exerciam outra atividade econômica. “Mas tem muitas que tem até hoje em que o marido estava na frente, e estão até hoje, né... Então...”

A partir destas afirmações vincula-se a ideia abordada por Thompson (1992, p.25) ao defender que “a realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista”. Dessa forma, compreende-se que o passado ao ser lembrado por diferentes indivíduos traz

distintas memórias, interpretações e posicionamentos mesmo que esteja referida ao mesmo contexto, cada sujeito percebe sua realidade sob uma diferente perspectiva.

O estudo de caso sobre o Arranjo Produtivo Local de Imbituva realizado em 2006, ao analisar 17 empresas da cidade destaca que no “perfil dos empresários, ressalta-se que a maioria (75%) das mulheres no comando das empresas” (IPARDES, 2006, p.18).

Nesta mesma pesquisa de campo, faz-se um levantamento sobre o público integrante da escola de Malhas no ano de 2005 , constando que era representado em sua maioria por mulheres, uma vez que tratava-se de uma grande demanda. Porém, a procura pelos homens estava aumentando.

A primeira ação do Senai correspondeu a um treinamento preliminar, no qual as duas instrutoras da Escola de Malhas passaram por uma reciclagem, em Ponta Grossa, para a apreensão da metodologia didático/pedagógica adotada pelo Senai. De acordo com o técnico da instituição, responsável pelo projeto, "as professoras da Escola de Malhas possuem o conhecimento técnico, porém, já que o Senai irá certificar os cursos, estas devem passar por um processo educacional, acompanhando a nossa metodologia" (IPARDES, 2006, p.42).

Ao ser questionado sobre como avalia a participação feminina a ressaltar o papel de Alcione neste processo, o primeiro participante declara que “desenvolveram muito bem o papel delas aí, né? [...] já tinham uma base, uma noção de costura [...] se não fossem as mulheres, os homens... (incompreensível)”

“Começou assim... isso é coisa de mulher, né? [...] Começou a carência dos homens por causa das máquinas, eram mais pesadas, daí os homens faziam a montagem das máquinas (...) equipamentos eletrônicos...” diz o participante 1.

Em entrevista ao programa Meu Paraná, dona Maria Aparecida Deneka relata que foi uma grande e importante oportunidade para as mulheres do município para complementar a renda familiar através de seu trabalho e primordial para o desenvolvimento de Imbituva. Ela afirma: “Foi uma ótima oportunidade porque elas já conseguiram um meio de se libertar, né? do julgo assim... do marido pra tudo, pra dinheiro, pra tudo... e ali elas tinham o ganho delas, as que tinham as malharias tinham os lucros e quem era funcionário tinha seu emprego fixo, ali, tudo com carteira assinada... e pra Imbituva foi ótimo, excelente!

A história oral é uma história construída em torno de pessoas . Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria

desconhecida o povo [...] oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história”(THOMPSON, 1992: 44)

Sendo assim, a história mantém-se viva através das memórias, mas indispensavelmente através das ações que impulsionam as transformações que se ampliam e que permitem acompanhar o papel do homem em seu tempo na sua constante evolução.

4.3 FORMAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DOS TRABALHADORES E PROTAGONISTAS NA INSTALAÇÃO DAS PRIMEIRAS MALHARIAS

A caracterização de contexto realizada até o presente momento permite a compreensão de que o processo de constituição do setor de malhas imbituvense traz a mulher representada na função de propulsoras desta nova atividade econômica.

Para além da importância deste público, pensa-se formação e escolarização destas e de todos os que estiveram envolvidos. Com relação a população feminina pode-se constatar em linhas gerais como acontecia a educação escolar e profissional das mulheres. Com base no documento de relação de empregados da malharia Cygla comandada pela senhora Alcione Prestes Chioratto foi possível observar que este estabelecimento contratou 23 funcionárias ao perpassar de seu funcionamento.

Em uma análise sobre a escolarização das empregadas, pode-se perceber que a maioria delas estão descritas como solteiras e boa parte possuía o primário. As casadas estavam em menor número e não constava o grau de escolaridade de todas, o que traz a suposição de que não possuíam o primário. Observou-se também que algumas pertenciam à mesma família, o que acrescenta ao fato de que as empresas da cidade constituíram-se em sua maioria por núcleo familiar.

De acordo com a Revista Ibero Americana (2006, p.16), os dados do IPARDES deste mesmo ano demonstraram que a maioria dos empresários que iniciaram no ramo, possuía apenas o ensino fundamental ou médio completo, raramente, alguém possuía o ensino superior. O nível médio e superior se restringe à segunda geração das famílias empreendedoras de Imbituva.

Conveniente a esta análise constata-se que o ensino e a profissionalização destinado às mulheres possuíam, uma vez que não caracterizam um público de formação escolar extensiva, compreendem com exclusividade espaços como a Escola de Malhas, aos ensinamentos de dona Alcione e também às malharias. No entanto, ou portanto, caracterizam o público que possui grande relevância na instalação das primeiras malharias no município de Imbituva.

4.4 O DESENVOLVIMENTO DO SETOR DE MALHARIAS EM IMBITUVA E A CRISE ECONÔMICA

O setor têxtil de Imbituva passou por uma crise na década de 1990 devido à abertura do mercado interno²³. Houve a necessidade de reestruturação do setor, o qual passou a investir em inovações, bem como a primeira máquina de tecelagem computadorizada, assim, até o ano de 2002, já haviam 35 máquinas em Imbituva, o que aumentou a produtividade e a competitividade (IPARDES, 2006).

Sobre isso, Gorini (2000, p.41) enfatizou o consumo internacional de têxteis, dizendo que “As mudanças na comercialização também impactarão decisivamente a indústria, cabendo enfatizar a crescente concentração do varejo e o consecutivo aumento do seu poder de barganha em relação aos pequenos e médios produtores.”

O desenvolvimento econômico da indústria têxtil brasileira refletia diretamente nos Estados e nos municípios, de modo que as oscilações que afetaram o Brasil repercutiu nas diferentes escalas, chegando a Imbituva, crise no setor das malharias.

O participante 1 conta que nos primeiros quatro anos, não houve decadência. Enfatizando sua percepção de que nos últimos dez anos deu-se início a diminuição

²³ De acordo Araújo Jr. (2005, p. 1) “Ao iniciar o processo de abertura comercial e de flexibilização econômica, os governos federais que se sucederam nos anos 90, deixaram o país com uma economia mais vulnerável aos acontecimentos externos. Ao praticar uma política econômica de caráter neoliberal, o país perdeu a capacidade de gerenciar as melhores estratégias para o seu processo de desenvolvimento econômico e social. [...] Assim, o Brasil, ao adotar as políticas neoliberais após o início dos anos 90, transformou sua economia em apêndice do capital financeiro internacional e das empresas multinacionais” (ARAÚJO JR., 2005, p.9).

no número de malharias. Ao ser indagado sobre os fatores que ocasionaram este fenômeno destaca alguns apontamentos. A começar pela entrada do produto chinês no mercado brasileiro, recorda o momento em que os boxes de venda começaram a encarecer e muitas malharias não conseguiram permanecer no ramo por conta dos altos custos. As máquinas adentraram ao setor das malhas e aborda que nem todas as empresas conseguiram acompanhar este desenvolvimento, acentuando que havia um alto custo para aquisição das máquinas assim como para sua manutenção. Pontua que se por um lado, estas possuíam alto valor, substituíam a mão de obra de um considerável número de funcionários, ressaltando portanto que para algumas empresas manter um determinado número de funcionários registrados de acordo com a legislação também requeria um custo elevado. Dentre essas considerações afirma que a substituição de mão de obra tornou-se viável e vantajoso em alguns casos.

Salienta que junto à redução da quantidade de malharias, a variedade de produtos e as excursões diminuíram, lembrando que as excursões vinham até a cidade durante o ano e não apenas em período de feira.

Ainda no que concerne à crise do setor têxtil, destaca que as empresas tinham maior porte buscavam refrear as malharias de porte menor, voltou a competitividade acirrada. Além destes aspectos descreve o que considera uma falta de incentivo no que se refere à divulgação das malharias na região.

Figura 8 – Divulgação da Feira de Malhas.



FONTE: Acervo de Edison Pupo.

O participante 2 contribui suas versões ao que anteriormente foi tratado. Assim como o entrevistado anterior realça o fato de abertura do mercado para a China (ao decorrer do governo Lula). Destaca “que não tem venda, não tem mercado, não tem frio, a recessão econômica. Tem os grandes magazines que dão poder de compra flexível, é um barateamento de produto não duráveis”. Junto a isso a diminuição do frio se mostra um fator relevante. “Quando tem frio, é um ano que se vende muito bem”. A tomar como exemplo o ano de 2017 que obteve um resultado satisfatório, mas os anos posteriores não corresponderam as expectativas. Declara que vivemos uma atual crise econômica.

Sobre a divulgação da FEMA, o participante 2 afirma que a divulgação é bem abrangente, pela internet, televisão e placas nas BR's.

Alega que estes fatores impedem o desenvolvimento da área das malhas mesmo que as malharias atuais produzem mais do que as 120 que houveram outrora, visto que possuem o auxílio da tecnologia através dos equipamentos e máquinas modernas, a única etapa que não foi parcialmente ou totalmente substituída foi a finalização das peças. Tal como o primeiro participante define que embora haja a substituição de mão de obra, a manutenção das máquinas requer seus custos. Reafirma em seu discurso que quanto mais malharias houvesse, mais prosperidade traria à economia local.

Ao reconhecer o momento de crise econômica que considera presente desde os anos de 1990, o entrevistado relata que o grande polo de Malharias hoje, é Monte Sião e Jacutinga, em Minas Gerais²⁴.

Questionado sobre a dificuldade de estabelecimento das malharias no município, aponta o público jovem como parte do elemento causador, reiterando que “os jovens não se interessam mais em ter na carteira como costureira ou modista”, sendo assim, os que estão entrando no mercado de trabalho preferem um outro status de profissão”. Relata a preocupação com necessidade de adaptações à nível de Paraná e Brasil à nomenclatura, como designer de costura. “As pessoas preferem estar trabalhando em supermercado mercado (as mulheres) ,em outras

²⁴ O participante 2 relata que a população destas cidades vivem exclusivamente de tricô. Possui um número exorbitante de empresas de pequeno e grande porte. As de maior porte realizam atividades de exportação de produtos e as outras dedicam-se à fabricação de produtos mais popularizados para consumo nacional (comumente vendido no popular Feirão do Brás). São de empresas de alta produtividade, porém, de pouca rentabilidade, uma vez os produtos não são bens duráveis e revendidos a um preço muito barato. Esta atividade econômica abrange até mesmo os detentos das prisões locais e movimenta a economia das cidades.

coisas, em vez de trabalhar nas malharias, que se trabalha de segunda a sexta e não trabalha no sábado e no domingo”. Através deste trecho, é possível perceber que a configuração social de Imbituva já se mostra modificada e que a população atende a outros interesses.

Afirma que atualmente Imbituva conta com 18 malharias. Relata que procura e as demandas caíram bastante, a maioria das lojas não tem mais representante. Os lojistas não estão comprando antecipado pela incerteza climática e de lucro. Assim como, trabalham com terceirizações de serviços para sobreviver, ou seja, fabricam para outras marcas por que as produções exclusivas das malharias só vendem mesmo no inverno. O modelo econômico requer sempre um instinto de inovação visto que está em constantes alterações.

O setor de malha diante desta nova economia, política e aspecto social busca sua permanência no mercado, mesmo que estes fatores apontados, por muitas circunstâncias, possibilitem à percepção de um destino incerto.

A compreender o contexto dos relatos Thompson (1992, p.38) argumenta que “por meio da história oral, a comunidade pode, e deve, merecer confiança para escrever a própria história”. A história aqui contada é parte da realidade dos indivíduos que fizeram parte deste cenário, considerando suas percepções individuais seu constructo pessoal a cerca das experiências vividas.

4.5 RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO, ECONOMIA E POLÍTICA EM IMBITUVA/PR NO CONTEXTO DAS MALHARIAS E DA DITADURA MILITAR

A complementar a relação do período militar à educação supracitada no segundo capítulo, menciona-se a educação oferecida na Escola de Malhas, de caráter profissionalizante, ou seja, que também corresponde às políticas do governo, posto que, a formação de cidadãos para atuar no mercado de trabalho foi um lema neste regime, visto que em estavam diante do “milagre econômico²⁵” que requeria da população uma rápida profissionalização devido ao anseio e esperança pelo crescimento através da industrialização.

O SENAI mostra-se como um claro exemplo integrante da proposta de educação tecnicista do governo, uma vez que foi um sistema presente nos curso

²⁵ Segundo Bezerra (2019) “O milagre econômico brasileiro corresponde ao crescimento econômico ocorrido no Brasil entre os anos de 1968 a 1973, sendo caracterizado pela aceleração do crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), industrialização e inflação baixa. Contudo, por trás da prosperidade, houve o aumento da concentração de renda, corrupção e exploração da mão de obra. Foi no governo do presidente Emílio Médici (1965 – 1985) que o milagre econômico chegou ao seu ápice.”

técnicos da Escola de Malhas da cidade. De acordo com a Revista Ibero – Americana de Estratégia - Formulação Estratégica e Fatores Isomórficos: Análise do Arranjo Produtivo Local de Malhas de Imbituva (2013, p.18), as empresas adotavam o treinamento dos funcionários no próprio local, algumas recorriam à empresas externas, onde predominava a capacitação e o treinamento da mão-de-obra no próprio local de trabalho, em serviço (como a senhora Alcione Prestes), outras buscavam o conhecimento profissional na Escola de Malhas. Havia casos em que a demanda exigia maior habilitação e os funcionários (tecelões e operadores de máquinas) buscavam formação pelo SENAI e SESI na cidade de Ponta Grossa afim de atender a demanda requerida por uma área em pleno desenvolvimento.

A educação nas instituições escolares, por sua vez, constituíam a concepção de que o ensino técnico era prioritário e necessário à realidade imbituvense. Desta percepção provém os cursos de magistério e os cursos técnicos oferecidos por algumas escolas, os quais seguiam os parâmetros estabelecidos na Reforma Educacional de 1971. É deste modelo de formação que Imbituva se constitui como uma cidade que esteve e está em pleno desenvolvimento industrial.

Sendo assim, a Ditadura Militar foi para alguns setores econômicos foi bem aproveitado, aumentando a concentração de renda e conseqüentemente a desigualdade social (BEZERRA, 2019). O apoio à política desenvolvimentista foi fator determinant ao modelo de desenvolvimento que se tem atualmente no cidade.

Na terra pinheirais, o padrão de desenvolvimento junto à industrialização é notório, visto que as malharias passaram a receber suas primeiras máquinas, a produzir e gerar renda para um considerável público de pessoas. No entanto, a aquisição do meios tecnológicos teve de ser intensificada após a crise econômica, que por sua vez deflagrou parte do ramo das malharias. Entretanto, seguiu ampliando seus setores econômicos para as diversas áreas²⁶.

²⁶ A exemplificar o desenvolvimento social local, o Caderno Estatístico de Imbituva realizado Pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social IPARDES, disponível no link: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=84430>.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desfecho da Ditadura Militar no Brasil permite a compreensão da organização do cenário brasileiro mediante a este contexto, e, por conseguinte, nos permite observar que este regime caracterizou diferentes impactos de acordo com as regiões em que se destinava.

A análise da constituição do município de Imbituva nos permite distanciar-la de características comuns a este período como às repressões políticas que utilizavam da censura e de perseguições, visto que os registros não apontaram este local como centro de militâncias ou movimentos conflituosos.

Uma análise breve do contexto não traz uma associação das principais características que definem o regime militar no Brasil quando transpostas à realidade imbituvense. Entretanto, os reflexos surgem quando percebidos nas entrelinhas destas circunstâncias. A forma como a população percebia e consentia as ações do governo definem o perfil social da população o nível de impacto a que estiveram submetidos. Dessa forma, questiona-se: De que forma a Ditadura Militar esteve presente em Imbituva?

Se por um lado, não se encontram registros de conflitos políticos intensos no regime militar e de movimentos militantes ativos em oposição ao governo, isso não implica ao fato de que a Ditadura não esteve presente nesta região.

O município de Imbituva vivenciou as reformas educacionais e se adequou à concepção educacional tecnicista através da oferta dos cursos técnicos, dentre eles a aligeirada formação de professores para atuar no mercado de trabalho.

As entrevistas realizadas revelam que em termos políticos, o regime militar não foi mal visto perante a instalação das malharias do município, dado que a industrialização e a formação de mão de obra acelerada impulsionou o crescimento da nova atividade econômica que surgira na cidade. Tendo em vista que intensificou o oferecimento da educação técnica e configurou-se pela entrada de novas tecnologias no território brasileiro.

Do aspecto econômico e educacional evidencia-se o papel das mulheres que mesmo diante de um período em que suas funções estavam delimitadas pelos padrões sociais, estiveram a frente da nova transformação que se instaurou no município. Subentende-se, portanto, que as transformações estiveram presentes mesmo que em uma tênue percepção aos olhos da maioria.

Quanto à educação, pergunta-se: Quais as implicações da educação tecnicista neste cenário? A resposta que pode concluir a referente pesquisa é que livre de qualquer julgamento, afirma-se que neste período o ensino relativizou a formação crítica e integral do sujeito, no entanto, pelas expectativas da época pode-se pensar em Imbituva como engajada às políticas nacionais estabelecidas em busca do pleno desenvolvimento social. A atualidade ainda reflete estas expectativas de progresso.

A compreender este processo, cita-se Thompson (1992, p. 21):

Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças porque passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitude da juventude, mudanças tecnológicas como o fim da energia a vapor, ou migração pessoal para uma nova comunidade.

Para tanto, conclui-se que a história nos dá a chave de entrada aos diferentes contextos e nos possibilita a compreensão do passado, através da riqueza das memórias e dos registros. O passado sempre tem algo a nos dizer, devemos estar dispostos a ouvir e dar a ele uma nova dimensão.

6. FONTES

Cyglia Ltda – Alcione Prestes Chioratto, 1992.

Comunicação de Encerramento das Atividades da Indústria e Comércio de Malhas.

Livro Ata da Indústria e Comércio de Malhas Cyglia Ltda – Alcione Prestes Chioratto, 1979.

Livro Imbituva, uma viagem de retorno à terra natal - Edemê de Matos, 2013.

Livro Imbituva – Uma Cidade dos Campos Gerais – Cleusi T. Bobato Stadler, 2003.

Livro Memórias de Imbituva: História e Fotografia – Cleusi T. Bobato Stadler, 2009.

7. REFERÊNCIAS

- ALVES, Gilberto Luiz. História das ideias pedagógicas no Brasil. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , v. 13, n. 37, p. 173-178, Apr. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000100016>. Disponível em: 08/12/2019.
- BATISTELLA, Alessandro. **Os reflexos políticos do golpe de 1964 no Paraná e as eleições de 1965**. História, França , v. 34, n. 1, p. 274-302, jun. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742015000100274&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em 18 abr. 2019.
- BELUZO, Maria F; TONIOSSO, José P. **O Mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas**. Caderno de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro – SP, 2 (1): 196-209, 2015. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200716.pdf>>. Acesso em 08/12/2019.
- BEZERRA, Juliana. Milagre Econômico. **Toda Matéria**, 2019. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/milagre-economico/>>. Acesso em 20/10/2019.
- Breve histórico da economia brasileira. **Portal Educação**, s/d. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/contabilidade/breve-historico-da-economia-brasileira/43110>. Acesso em 28/10/2019.
- BRUNELO, Leandro. **Repressão política durante o regime militar no Paraná: o caso da operação Marumbi na terra das araucárias**. Maringá: EDUEM, 2009.
- COMUNISMO. Dicionário Online de Português, 26 out. 2019. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/comunismo/>>. Acesso em 26/10/2019.
- CORSEUIL, Carlos H; KUME, Honorio. A Abertura Comercial Brasileira nos Anos 1990 : impactos sobre emprego e salário. **IPEA**, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5470>. Acesso em 28/10/2019.
- FERREIRA, Amarílio; BITTAR, Marisa. **A Ditadura Militar e a proletarização dos professores**. In: *Educ. Soc.* , Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1159-1179, set./dez. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 17/12/2018.
- FERREIRA JR, Amarílio; BITTAR, Marisa. **Educação e ideologia tecnocrática na Ditadura Militar**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 333-355, set./dez. 2008. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 30/11/2018.
- FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 24, nº 47, julho. 2004, p. 29–60. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf>. Acesso em 17/11/2018>.
- FRANCISCO, Wagner de C. e. Tigres Asiáticos. Mundo Educação, s/d. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/tigres-asiaticos.htm#targetText=O%20termo%20Tigres%20Asi%C3%A1ticos%20se.pa%C>>

[3%ADses%2C%20eles%20receberam%20tal%20denomina%C3%A7%C3%A3o>.](#)
Acesso em 15/10/2019.

FREITAS, C. C. G.; HOCAYEN-DA-SILVA, A. J.; SEGATTO, A. P. Formulação estratégica e fatores isomórficos: análise do arranjo produtivo local de malhas de Imbituva. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 12, n. 1, p. 1-28, 2013. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/10078/formulacao-estrategica-e-fatores-isomorficos--a--->>. Acesso em 22/06/2019.

GIANORDOLI-NASCIMENTO, I.F. **Mulheres e Militância no Espírito Santo: Encontros e confrontos durante a Ditadura Militar**. 2006. Dissertação. (Mestrado em Psicologia). – Universidade Federal do Espírito Santo – Centro de Ciências Humanas e Naturais – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Vitória. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/3151>>. Acesso em 10/04/2019.

IMBITUVA, Prefeitura Municipal de. **Nossa cidade: Economia imbituvense**. Imbituva, 2019. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-imbituva.html>>. Acesso em 24/06/2019.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. (2006). **Arranjo Produtivo Local de Malhas do Município de Imbituva: estudo de caso**. IPARDES. Disponível em: <www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/apl_2006_malhas.pdf>. Acesso em 22/06/2019.

MACIEL, David. Ditadura Militar e capital monopolista: estruturação, dinâmica e legado. **Lutas Sociais**, [S.I.], v. 18, n. 32, p.64-78, jul. 2014. ISSN 2526-3706. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/25692>>. Acesso em 15/10/2019.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 30, n. 106, p. 15-35, 2009 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000100002>. Acesso em 08/12/2019.

MATOS, E. de. **Imbituva, uma viagem de retorno à terra natal**. 1ª edição. Curitiba: Impressora Cacique Ltda – Indústria Gráfica e Editora, 2013. Abordagens qualitativas: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: _____. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEU PARANÁ. **Produção de malhas começou em Imbituva há mais de 30 anos (parte 2)**. Globoplay, 2019. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7606782/>>. Acesso em 26/10/2019.

MICHAELIS: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos: 2019. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ditadura/>> . Acesso em 24/06/2019.

MÜLLER, Meire T. O SENAI e a Educação Profissionalizante no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.40, p. 189-211, dez.2010. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/40/art12_40.pdf>. Acesso em 20/10/2019.

NUNES, Geraldo. Os 50 anos da campanha Ouro para o bem do Brasil. **Estadão**, São Paulo, 05 de jan. de 2014. Disponível em: < <https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/geraldo-nunes/os-50-anos-da-campanha-ouro-para-o-bem-do-brasil/>>. Acesso em 20/10/2019.

PAGNANI, Eólo Marques. **Os produtos bens e suas relações com a mercadologia**. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Disponível em: <http://www.eco.unicamp.br/neit/images/stories/CTAE_CD2/produtos_bens_relacoes_mercadologia.pdf. > Acesso em 15/10/2019.

REGINA, Elis. **Como nossos pais**. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/elis-regina/45670/>>, 1976. Acesso em 26/10/2019.

SAVIANI, Dermeval. **O legado educacional do regime militar**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 01/02/18.

SEGATTO, José A. Crise política e derrota da democracia. In: VALLE, Maria R. Org(s). **1964-2014: Golpe Militar, História, Memória e Direitos Humanos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 41-62. Disponível em: <<https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/serie-temas-em-sociologia-n7.pdf>>. Acesso em 15/10/2019.

Significado de Censura. **Significados Br**, 2019. Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/censura>>. Acesso em 15/10/2019.

SILVA, Júlio César Lázaro da. "Resumo Histórico-Econômico do Brasil: A Recuperação Econômica e a Ascensão do Brasil como Potência Regional". *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/resumo-historico-economico-brasil-recuperacao-economica-ascensao.htm>. Acesso em 28 de outubro de 2019.

STADLER, Cleusi T.B. **Imbituva – uma cidade dos campos gerais**. 2ª Edição. Imbituva: Gráfica Prudentópolis, 2005.

STADLER, Cleusi T.B. **Memórias de Imbituva – História e Fotografia**. 2ª Edição. Imbituva: Alacs, 2009.

THOMPSON, Paul. História e comunidade. In: _____. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 20-44

THOMPSON, Paul. Historiadores e história oral. In: _____. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 45-103.

THOMPSON, Paul. A contribuição da história oral. In: _____. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 104-137.

THOMPSON, Paul. A entrevista. In: _____. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 254-278.

TIGRE ASIÁTICOS. **Mundo Educação**, s/d. Disponível em:
<<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/tigres-asiaticos.htm>>. Acesso em 31/10/2019.

TECNICISTA. Dicionário online de Português, 31 out. 2019. Disponível em:
<<https://www.dicio.com.br/tecnicista/>>. Acesso em 31/10/2019.

8. APÊNDICE

APÊNDICE 1 – QUESTÕES PARA ENTREVISTA GRAVADA 1

- Como foi o processo de instalação da primeira malharia em Imbituva?

Quais foram as pessoas envolvidas?

- Em que ano a malharia iniciou suas atividades?
- Em que ano encerrou suas atividades?
- Qual era o nome do estabelecimento?
- O público a desempenhar funções nas malharias era exclusivamente

feminino?

- Como você avalia a participação das mulheres nestas atividades?
- Em um estudo de caso, há um trecho que aborda:

“Entretanto, percebe-se que, inicialmente, a atuação desses estabelecimentos acontecia de forma isolada e desarticulada. Essa posição individualista dos empresários locais foi, categoricamente, observada por uma nova moradora do município e que viria a constituir importante liderança local, responsável pela estruturação de uma nova configuração institucional e de cooperação entre as empresas integrantes do ramo de malharias da cidade. Destaca-se que, em 1980, quando essa liderança local chegou a Imbituva, havia de nove a dez malharias instaladas, que competiam acirradamente entre si. Indignada com a falta de noção de coletividade dos empresários locais do ramo e valendo-se de sua relação pessoal com a primeira-dama do município, realizou com esta uma viagem, em 1983 (Nelson Bobato ou Nelson Teodoro Fenker), a Ibitinga (SP), para visitarem a Feira de Bordados daquela cidade. Retornando, iniciou um trabalho de convencimento do Prefeito e dos empresários locais acerca da necessidade e viabilidade de realizar uma Feira de Malhas em Imbituva, momento no qual a líder resolveu aderir ao ramo, tornando-se, também, proprietária de malharia.”

- Quem era essa liderança?
- Quem era o prefeito na época? Quem era a primeira dama?
- Quem idealizou a feira de malhas?
- Quando foi criada a Associação de Malhas de Imbituva?

- Qual é a função da Associação da Feira de Malhas?
- Como era a preparação para o evento?
- Quantos empregos são gerados no período da FEMAI?
- Quais são os apoiadores do evento?
- Quando aconteceu o auge da feira de malhas?
- Teve alguma crise econômica que interferiu no setor de malhas? Por quê?
- Ainda existe uma escola de malhas para pessoas que querem ingressar no ramo?
- Quais são os desafios que o ramo das malharias encontra atualmente?

APÊNDICE 2 – QUESTÕES PARA ENTREVISTA GRAVADA 2

- Quando foi instaurada a primeira Malharia em Imbituva?
- público que trabalhava nas malharias era restritamente feminino?
- Quando iniciou a primeira feira de Malhas?
- Quais fatores econômicos interferiram no ramo de malhas de Imbituva?
- A que você atribui a crise econômica dos anos 90?
- Qual fator se relaciona a diminuição do número de malharias?
- Com isso, os empregos na FEMAI diminuíram, a qual outro fator você atribui?
- Quantas malharias atuam no setor têxtil atualmente?
- A Escola de Malhas ainda está em funcionamento?
- Atualmente, quem são os apoiadores da FEMAI?

APÊNDICE 3 – QUESTÕES PARA ENTREVISTA GRAVADA 3

- Em que ano começou a empresa de malhas CYGLA?
- Onde se localizava a primeira malharia?
- Recebia-se em média de quantos aprendizes?
- Como era este processo?
- Qual foi o ano de início da Malharia Shalom?

APÊNDICE 4 – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 1

Entrevistador: Quando surgiu a primeira Malharia em Imbituva?

Participante 1: 83, 82 ou 3, a primeira

Entrevistador: 82 ou 83? Hum... Como que foi esse processo de instalação das primeiras malharias ? Logo após a dona Alcione deixar de trabalhar em Ponta Grossa para trabalhar aqui, como que foi esse processo de instalação? Quais foram as pessoas envolvidas? em que ano que começou em que ano que terminou, né? a primeira Malharia. Como aconteceu todo esse processo, o senhor saberia?

Participante 1: Deixa eu ver, foi mais ou menos na época (incompreensível). No primeiro ano não teve, que foi fundação, não teve malharias, né? não tenho bem certeza se teve desde o primeiro ano, mas tinha malharia mais antes, mais anterior, né?

Entrevistador: A primeira...

Participante 1: A primeira que seria da dona Alcionê e dona Irene com as primeiras que eram aqui, né ? Inclusive a Leni teve Malharia, mas não chegou a ser industrializada, nada assim, só começou e parou, né?. Daí teve em 89 a primeira... (para e corrige) a sétima feira, depois naquela época tinha de umas 8 a 10 malharias, né? Depois, que teve bastante Foi na época em que foi feito o pavilhão, foi feita lá em baixo, tinha umas 30 e poucas malharias, né?... Inauguração foi em 90. Foi feito no meu tempo o primeiro pavilhão, o segundo quem fez foi o Zezo, né? Do lado. O primeiro, na Luterana (pavilhão de malhas, ou seja, Feira de Malhas), no pavilhão velho de madeira. O primeiro, não sei se é primeira e a segunda, ou só a primeira que foi feita a feira de malhas... É mais ou menos aí... Depois, em 89 foi a que nós tivemos que foi a feira que... nós trouxemos a Sula Miranda, veio e fez um show tudo aí né? No ginásio... Daí depois que já passou essa parte. Daí, fizemos em 80 (para e corrige) em 90/91 (1990-1991) foi feita uma lá embaixo no pavilhão, né? 90-91 O que foi a primeira lá. Daí em 92 (1992) foi feita uma feira grande né, foi a primeira Indústria e Comércio juntos também, né? o primeiro caminhão de chopp, carreta de chopp (risadas)

Entrevistador: O senhor lembra se a Malharia da dona Alcione e da Dona Irene se chamava Shalom? Era esse o nome ou...

Participante 1: Isso... Foi feita a associação, a associação de malhas foi feita em 80 (1980), ano em que (incompreensível)... Associação de malhas em 80 (1980)... Em 89 (1989) ou 90 (1990) não tenho bem certeza.

Entrevistador: O local das primeiras malharias, o senhor se recorda? (não soube dizer)

Participante 1: Teve um período em que chegou a ter 100 malharias de... tinha no total, chegou a ter 100 malharias. Porque foi dado muito incentivo naquela época na malharia, né?, A feira de malhas, tudo, faltou espaço na primeira, foi feito pra fora, resolvido tudo, né... No pavilhão tinha 50, 40 e poucos ou 60 e poucos boxes que tinham sido feito para a feira, né?

Entrevistador: O ano de início dessa primeira malharia foi 1975?

Participante 1: Esse da primeira malharia não me lembro qual que é o ano... que começou o incentivo da malharia foi no... (atrapalha-se um pouco para falar), com o Nelson (se atrapalha ao falar) com o Fenker, né?

Entrevistador: Tem uma parte no estudo de caso que é um pouco confusa.. que fala que em 1980 tinha vindo uma moradora pra cá, uma nova moradora e que ela ficou pensativa com relação às empresas, né? No caso, as malharias que tinha na época de 8 a 10 malharias e elas eram bem desarticuladas , elas eram competitivas, elas não era unidas assim... No estudo fala que ela tinha relações pessoais com a primeira dama da época, não cita qual era o prefeito, mas... Dai fala que foi daí que surgiu a necessidade , né, da primeira, de se ter uma feira de malhas , uma associação e tudo mais... Qual seria o nome dela?

Participante 1: Aparecida Deneka com a dona Clodorice... Clodorice é a primeira dama.

Entrevistador: Clodorice?

Participante: CLO- Clodorice!

Entrevistador: Clodorice Fenker? Ah, tá! Prefeito da época então era o Nelson Fenker, né? Quem idealizou essa feira no caso, foram eles que... (interrupção)

Participante 1: Foram eles que iniciaram com a feira de malhas...

Entrevistador: Tá... Essa associação de malhas, o senhor lembra quando foi criada?

Participante 1: Foi criada no meu tempo a feira de malhas, sabe? 89 a 92, foi pra diante de 89. Em 1988 estava começando a feira de malhas, começando a associação, foi documentada por 89, parece-me que em 89 foi documentado.

Entrevistador: No caso, essa é a Associação de Malhas?

Participante 1: (Confirma e diz): Associação de Malhas de Imbituva daí

Entrevistador: Ah, tá... Qual era a função a princípio dessa Associação? Como que vocês se organizavam?

Participante 1: Primeiro que, no pavilhão da igreja católica tinha escolinha de formandos de malhas, de profissionais de malharia, né?.. Tinha a escolinha de malhas.

Entrevistador: O senhor sabe por quanto tempo que funcionou essa escola?

Participante 1: Ela foi... Passou 6 anos do Fenker, os 4 anos meus, 6 do Fenker de novo... (começa a contar)... 6, 10, 14. De tudo, uns 14 anos mais ou menos foi a escola de malhas.

Entrevistador: E como que funcionava? Eram os donos das malharias que ensinavam?

Participante 1: Não, tinha professora, tinha... cedidos pela prefeitura... (incompreensível)

Entrevistador: A dona Alcione teve também, ela recebia na casa dela alguns aprendizes na casa dela pra ela...

Participante 1: É, estagiários, né? Tipo estágio, né?... Toda a vida.

Entrevistador: No caso, tinha a escola de malhas e ela também fazia algumas coisas na casa dela...

Participante 1: Muita, muita menina, naquele tempo, só as meninas que podiam/ queriam, homem ninguém se interessava em malharias... só as mulheres. Depois quem começou depois das mulheres foi a piazada aí, (cita os pais)... Douglas, o Thiago... não, (para e pensa), o Vadico, acho que o Vadico foi o primeiro homem a mexer com malharia, né? ... o primeiro foi o Vilmar (para e corrige), o Vadico, Valdir Sebastião de Andrade (para e corrige) Valdir Marques de Andrade...

Entrevistador: Desde quando começou a acontecer essa Feira de Malhas, como que era a preparação desse evento, quais eram os apoiadores, como que funcionava?

Participante 1: A prefeitura, a que mais apoiava, né? A Associação de Malhas e apoio a Prefeitura Municipal de Imituva. Daí tinha algum patrocinador como banco, alguma coisa... patrocinavam porque os bancos faziam (incompreensível)... até começou a cobrança no meu tempo, os bancos... foi feito o caixa lá dentro (da Feira de Malhas) para recebimento, né?

Entrevistador: Aham...

Participante 1: O banco que patrocinava também, né...

Entrevistador: Ah, tá...

Participante 1: Os bancos faziam patrocínio por questão de despesa, né? Para pouca coisa tinha o banco ou terceiros que patrocinavam nós... pouca coisa... mas, 90% era a prefeitura.

Entrevistador: Então esses eram secundários, ficavam mais em segundo plano?

Participante 1: Aham.

Entrevistador: A preparação desse evento era anual?

Participante 1: De um ano você começava a se preparar para o outro, como diz, o que encerrava esse ano pra comer ano que vem, né? (breves risadas)... Então, sempre assim, né?. Chegou a ter (confunde-se)...

Entrevistador: A maior feira de malhas...

Participante 1: 92 (1992), foi a primeira feira de malhas que (incompreensível).

Entrevistador: A que mais repercutiu foi a de 92 (1992)?

Participante 1: 92 (1992).

Entrevistador: Teve algum momento em que vocês perceberam uma diminuição muito grande, de alguma crise econômica que interferiu no ramo das malharias?

Participante 1: Na época em que eu tive, nos primeiros quatro anos, não teve decadência nenhuma, sabe? Eu vi decadência desses últimos dez anos pra cá...

Entrevistador: Por que o senhor acredita que... (interrupção).

Participante 1: Por causa que começou a entrar... chegando muito produto chinês no mercado brasileiro e depois tem mais a questão que faltou um pouco de incentivo nas malharias também...

Entrevistador: Incentivo por parte de que órgão?

Participante 1: Não, não... simplesmente acabou a escolinha de malhas, né? diminuiu bastante a frequência e daí, os de malharias grande tentando diminuir, engolir as pequenas, né?

Entrevistador: Voltou aquela competitividade? (citada no trecho que refere-se à Maria Aparecida Deneka)

Participante 1: Ter, sempre teve, sabe? Sempre existe... e daí aquelas que trabalhavam familiar, né? conseguiram produzir para fazer grande quantidade, né?

estoque bastante, né? daí veio a decadência, daí não conseguiam pagar os boxes, tinha encarecido muito o box...

Entrevistador: Por isso que diminuiu o número de malharias?

Participante 1: Foi isso que diminuiu o número de malharias também. O incentivo, as não participativas da feira, o custo muito... alterando bastante na época, né? Faltou capital de giro... de uns 10, 15 anos pra trás que começou a decair, sabe?

Entrevistador: Nos anos em que mais teve repercussão, quantos empregos em média eram gerados pela FEMAI?

Participante 1: Aí, tinha uma média de uns... dava a base de uns mil empregos diretos mais ou menos, na época. (falando das malharias)

Entrevistador: E na época da feira?

Participante 1: Na época da feira sempre aumentava mais, né? Que daí tinha terceirizado muito serviço, né? e para se preparar para a feira, né?. E o mal foi que as malharia pensaram muito em viver só com a feira, né? Passava a época de feira de malhas, meio que parava um pouco, diminuíam... (incompreensível)

Entrevistador: Consequentemente decaiu o número de funcionários?

Participante 1: (incompreensível)... As máquinas, né. E o setor também que influenciou bastante na mão de obra foi a questão de custo muito alterado do (incompreensível) do funcionário, né? O que eu digo de empregados é a obrigação do ministério, que é muito caro, né?

Entrevistador: Sim, eu percebi pelos documentos da Cygla que tem toda a relação de funcionários, todos os documentos, todas as informações, tudo registrado em cartório, então todas as que saíam tinham seus direitos, né?

Entrevistador: Além da vinda dos produtos do exterior, dos produtos chineses, desse barateamento que prejudicou economicamente a questão das malharias, o senhor vê algum outro fator que tenha contribuído para esse tipo de decadência?

Participante 1: O incentivo, né? Foi o incentivo das malharias foi diminuindo, né...

Entrevistador: Os desafios que o ramo das malharias tem hoje seria de boa parte o incentivo?

Participante 1: O incentivo também, foi tirado o incentivo bastante, né? foi deixado de incentivar as malharias, né?. O número de malharias não impedia muito

se tivesse produtividade, né? Porque tinham as malharias, as pessoas vinham de fora, sempre o que não encontrava em uma, encontrava na outra, né? Mas tinha a divulgação da prefeitura no tempo de placas, não se você lembra, tinha mais de 60 placas da entrada de Imbituva até chegar aqui em cima, e no tempo de prefeitura tinha em Guarapuava, em Curitiba na BR 160, na 277, tinha em Ponta Grossa, tinha uma porção de placas que a prefeitura punha, né? Pra... na estrada para divulgar mais Imbituva, né? Tinha em campo Largo (incompreensível).

Participante 1: Hoje é tricô, né? Então malhas, praticamente acabou-se o nome “malhas”, agora é tricô... Sabe quem que era o empresário da Sula Miranda quando veio aqui? Adivinhe... era o Ratinho (apresentador de televisão), o Ratinho que era empresário que vinha acertar tudo, foi o Ratinho que veio acertar o... do show da Sula Miranda, né?... Ele não tinha dinheiro para comprar um sanduíche, você veja uma coisa, nós tivemos de bancar a despesa dele, pra ele ficar aqui, sabe? Daí tinha um carneiro aqui, quis comprar o carneiro, não pagou até hoje... (risadas)

Entrevistador: como que o senhor vê essa participação assim, na fundação das malharias, a participação feminina, a participação das mulheres, por exemplo, da Dona Alcione. Como que o senhor avalia essa participação delas, esse papel desempenhado por elas?

Participante 1: Desenvolveram muito o papel delas, né? (incompreensível), eram pessoas que já tinham uma base uma noção “desenvolveram muito bem o papel delas [...] já tinham uma base, uma noção de costura (incompreensível)”... E hoje então mudou para o tricô, né? A primeira versão seria o tricô, né? Mas a evolução foi boa, né? Se não fossem as mulheres, os homens... (incompreensível).

Entrevistador: Por isso, me refiro a forma como era a organização social da época, né? Vai mudando de ano em ano, a gente sabe que muda, a gente sabe que ainda há muito a se mudar, mas a organização da época já é bem clara, né? Então, as mulheres, a gente sabe que o serviço era mais domiciliar ou então serviços que fossem de exclusividade feminina...

Participante: Uma dedicação feminina.

Entrevistador: Uma dedicação feminina, exatamente...

Participante 1: Isso é que nem, como por exemplo, que nem o balé hoje, de antes era só feminino, hoje tem bastante masculino também, né?

Entrevistador: Exatamente...

Participante 1: Porque o balé se a pessoa fosse fazer já era “bichinha”... e nas malharias começou assim... Isso é coisa de mulher, né?... e foi indo, foi indo, foi indo... a carência do homem, começou a carência dos homens por causa das máquinas, eram mais pesadas, que daí os homens faziam a montagem das máquinas (...) equipamentos eletrônicos... (incompreensível).

APÊNDICE 5 – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 2

Entrevistador: O início da feira de malhas quando que foi exatamente?

Participante 2: Acho que tem aqui no resumo, eu não lembro porque eu não era... Mas aqui nesse resumo você vai achar a primeira feira.

Entrevistador: Cita-se 85, (paro e corrijo), 75 (1975), mas... (interrupção).

Participante 2: Não a primeira fábrica de malhas foi em 15 de fevereiro de 1973, sendo seu Abilio naquela época, por volta de 75 (1975), Dona Alcione.

Entrevistador: Eu não cheguei a uma conclusão em por conta dos panfletinhos com relação as datas, em 89 diz que foi a quinta...

Participante 2: Aqui óh, a segunda-feira foi 86... a iniciativa da feira foi uma oportunidade...(começa a falar e para)... Então a primeira foi em 85 (1985).

Entrevistador: Associação de malhas iniciou suas atividades em que ano?

Participante 2: Foi nessa época, a Dona Cida foi em 1980 (para e corrige)... não, em 80 (1980) ela se mudou, foi em 83 (1983) que ela realizou uma viagem para Ibitinga e quando ela voltou, ela fala aqui (mostra um artigo pessoal)... em 85 teve a exposição a primeira feira, então, a primeira feira em 1985 aqui óh, você vai achar, Foi no pavilhão da Igreja Luterana aqui. já em 86 (1986), na segunda feira já tinha 19 Boxes, Em 85 (1985) foi com 11, em 86 (1986) já foi com 19. Em 87 (1987) já tinha 37 (boxes), subiu mais... e chegou a ter em 90 (1990) 120 malharias aqui em Imbituva.

Entrevistador: Em 87 (1987) haviam 37? (confirmação).

Participante 2: 37 já.

Entrevistador: O período de maior número foi?

Participante 1: Foi em 90 (1990), 120 malharias. Depois disso começou a vamos dizer assim, há uns nove anos, dez anos atrás a gente tinha 50 e poucos malharias mas com abertura do comércio para China quando Lula abriu o comércio para China começou a decadência das malharias porque se trabalha durante o ano

todo para vender em dois, três meses...O verão não pega no tricô então...nessa época...

Entrevistador: Vocês dependem da condição climática... (pergunta).

Participante 2: E também a diminuição do frio, né? Quando tem frio é um ano em que se vende muito bem, há 2 anos atrás, em 2017, teve frio bem na época da feira. Já em 2018 não foi boa e esse ano foi ruim a feira porque não teve frio e também a crise econômica...

Entrevistador: Essa diminuição do número de malharias vem progredindo?

Participante 2: vem progredindo, esse ano devem fechar mais umas quatro...

Entrevistador: A que você atribuiria como fator de diminuição?

Participante 2: O principal é que não tem vendas não tem mercado não tem frio o fator climático influencia muito mas o principal ainda mais o fator climático e a recessão econômica que nesses 4,5 anos afetou muito o setor porque hoje em dia as pessoas preferem comprar alimento, comprar...

Entrevistador: Noções básicas de sobrevivência, né?

Participante 2: é, exato. E os grandes Magazines também que fazem tudo na China, né?... O barateamento... você vai lá compra em 10, 12 vezes no cartão, roupa barata que você usa este ano, ano que vem não tem mais... (incompreensível).

Entrevistador: O público que se interessou a essas atividades era exclusivamente feminino?

Participante 2: no começo sim, na maior parte das malharias, os maridos tinham outra atividade econômica, e a mulher começou a montar a sua Malharia... mas tem muitas que estão até hoje, que o marido estava na frente, e estão em pé até hoje, né? Também essas malharias Hoje que nós estamos aí em 18, 17 Malharias só, só não tem nem mais 22, algumas fecharam nos últimos dois anos... produzem muito mais do que as 120, por que a tecnologia o investimento em máquinas modernas, importadas, essas malharias que tem hoje, a produção é muito maior do que 120 que tinham.

Entrevistador: E o custo é um custo menor pela substituição de mão de obra?

Participante 2: ele diminui bastante a mão de obra, mas do lado da produção, de tecelagem, mas na hora do acabamento, de remalhadeira, ele

continua dando mão de obra, só que ele aumenta muito na manutenção das Máquinas, No desgaste que as máquinas dão porque é tudo produto importado, então aí o custo não varia muito, é mais na produção mesmo, se aumenta muito a produção em frente à isso. e as empresas nesse sentido precisam de outras matérias de outra mão de obras não de tecelagem, mas de acabamento, de remalhadeira, de overlock de passadeira.

Entrevistador: as empresas continuam de núcleo familiar aqui?

Participante 1: A maioria sim, 90%.

Entrevistador: Com a diminuição do número de malharias, os empregos no período da FEMAI também diminuiram?

Participante 2: Diminuiu também

Entrevistador: Como é essa questão atualmente?

Participante 2: aí tem duas questões básicas, eu faço parte da SINDITEXTIL Paraná (incompreensível)... Primeiro, é que a gente tentou mudar, uma das coisas básicas é que hoje em dia os jovens não se interessam mais em ter na carteira como costureira ou modista, as pessoas que estão entrando no mercado de trabalho preferem um outro...

Entrevistador: o outro status de profissão?

Participante 2: um outro status... até foi discutido uma vez numa reunião do conselho de vestuário do Paraná, em vez de colocar a costureira, alguma coisa, colocar design de costura... isso aí teria que gerar em termos de Brasil inteiro e não só de Paraná, mas uma das coisas é isso... as pessoas preferem ser trabalhando no supermercado, as mulheres, em outras coisas, em vez de trabalhar em malharias, que se trabalha de segunda a sexta e não se trabalha no sábado e domingo, em outros empregos tem que se trabalhar sábado e domingo às vezes... mas por constar lá (carteira de trabalho) costureira... então uma das coisas é esse, né? E outra é o mercado, tanto climático como recessão, como os produtos exportados da China, tem exportes (exportação) aí em que um terno no Brasil chega a um dólar ...

Entrevistador: E o número de empregos na FEMAI?

Participante 2: não sei, diminuiu assim uns 50%,a sorte é que essas mão de obras, as fábricas de calçados que pegaram essas mão de obras dos funcionários

Entrevistador: O número de malharias que atuam?

Participante 2: Hoje?

Entrevistador: Hoje.

Participante 2: 18.

Entrevistador: E a procura as demandas, como estão acontecendo?

Participante 2: Caiu bastante demanda, as lojas, A maioria tinha representante, hoje, elas nem representante tem mais, a gente tirava pedido no mês de dezembro janeiro fevereiro... hoje as lojas estão deixando para comprar quando esfria... então as lojas, o lojista não está comprando antecipado... mas ainda fazem o PL (termo inglês: Private Label, significa: marca privada), que é a terceirização para as grandes marcas... (incompreensível)... Por que as nossas produções, a gente só vai vender mesmo nos meses de inverno... E o grande Polo de hoje em malharias é Monte Sião e Jacutinga, em Minas (MG), lá tem 7 mil malharias.

Entrevistador: Nas cidades?

Participante 2: Nas duas cidades, eles vivem exclusivamente de tricô, só tricô. Destas 7000 malharias, tem umas 100 que são top que são malharias de exportação, o resto É algo que se encontra no Brás Bom Retiro em São Paulo... Tem empresas grandes que fazem para os grandes Magazines Riachuelo... mas se ganha muito pouco para fazer uma alta produtividade, só que as duas cidades de 30 mil habitantes, 20 e poucos habitantes cada uma, elas vivem exclusivamente do tricô, desde os presos da cadeia fazem trabalhos... só vivem disso... lá hoje é o polo do Brasil inteiro, toda matéria- prima que é vendida em São Paulo, no Brás, Bom Retiro, vem de lá. E tem muitas empresas, tem muitos lojistas aqui da nossa região que vão pra lá trazer produtos baratos, né? Desculpa falar, mas tem umas 100 lá que fazem produto top produto legal, mas 90% é tudo produto de alta produção.

Entrevistador: Poderia se pensar o público jovem agora com uma nova versão de Escola de Malhas?

Participante 2: Hoje a escola e malhas está até parada. Não se tem mais (procura), nem as pessoas procuram mais. Outra coisinha que influenciou muito a decadência no Paraná foi que não tem nenhuma escola de moda que ensina estilistas de tricô, todas as escolas destinadas a estilistas de design de moda é voltada para confecção direcionada para Cianorte, Maringá (incompreensível)... daí o que acontece, quando se precisa, nós fazemos nossos workshops nós trazemos estilistas de São Paulo dar uma consultoria de moda porque não tem no Paraná...

Entrevistador: Hoje em dia, como que funciona o evento, a preparação, a questão de patrocinadores...

Participante 2: a gente sempre tem um apoio da Fiep, do SINDITEXTIL, e tem alguns parceiros menores, Sicredi nos ajuda bastante. mas 90% da feira é bancado pelos associados.

Entrevistador: houve uma época em que era pela prefeitura?

Participante 2: A prefeitura dava a infraestrutura básica e nós fazemos muita propaganda. Hoje nós divulgamos no SBT, na Globo e na Record, nas rádios. Hoje, para organizar a feira vai cerca de 300 mil reais. Só na mídia, esse ano, foi 240 mil reais, em mídia. Tem que chamar o povo, tem que chamar o público se não, o pessoal não fica sabendo.

Entrevistador: A divulgação de vocês é bem abrangente?

Participante 2: Divulgamos na internet nas placas das BRs... é divulgada na Globo, SBT Record e nas rádios. Nós temos uma agência que a gente contrata (incompreensível).

Entrevistador: Quando foi o início e término da Escola de Malhas?

Participante 2: não sei o ano específico ela ainda existe mas não tem aluno, ela funciona ainda na prefeitura, tem as máquinas todas, de vez em quando aparece algum aluno. nós tivemos durante muito tempo uma APL também, por sete anos. A APL era bem abrangente, nós tínhamos uma central de compra... (incompreensível) nós tínhamos APLs bem atuantes, mas depois, o governo abandonou... a gente tinha cursos durante o ano todo... ensinavam os empresários a calcular custos, tinha vários cursos... no final se tornou muito caro, só ficou o SEBRAE e a federação... acabou...

Entrevistador: O grande número de malharias impediria o desenvolvimento do ramo?

Participante 2: O nosso setor, quanto mais tivesse, se tivesse mil malharias em Imbituva, seria melhor. No meu modo de ver, quanto mais competitividade entre empresas, melhor você consegue trabalhar, quanto mais tem, melhor é...

Entrevistador: Você avalia o desenvolvimento daqui pra frente como uma diminuição ou uma consolidação?

Participante 2: Eu acho que vai consolidar, a gente sabe que vai diminuir... Mas tudo depende do clima, da melhora da economia...

Entrevistador: Em que sentido você vê economia?

Participante 2: Eu acho que o país perdeu muito esses anos de política socialista, desacelerou a economia total, essas roubalheiras que houve no governo, acabou com o país, essas reformas que estão sendo feitas como a Previdência, econômicas, essas coisas, pretende-se que o país comece a andar, voltar o emprego, né? Tem muito desemprego, as pessoas hoje trabalham para sobreviver... e falta aquela confiança, mas a gente agora, começa a ter aquela confiança.

APÊNDICE 6 – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 3

Entrevistador: Como que se organizava a questão de irem pessoas até a casa dela (Alcione Prestes Chioratto) para ela ensinar? Como aconteciam essas etapas?

Participante 3: Sabe que eu não sei... Ah, geralmente o pessoal de outras malharias vinham ali para pedir alguma ideia, né? Dona Alcione ajudava a cortar nas medidas da roupa porque ela era costureira, né?

Entrevistador: Ela recebia as pessoas em sua casa, ensinava e as pessoas faziam uma espécie de estágio trabalhando com ela na Malharia, seria isso?

Participante 3: Pois olha que eu nem sei, que eu sei que morou com ela e que trabalhava na Malharia... porque muitas moravam com ela mas não eram da Malharia tinha uma que trabalhavam na (incompreensível) outra que eram professora ...

Entrevistador: Ela cobrava estadia? As pessoas ficavam ali para aprender e morar, seria isso?

Participante 3: Moravam ali e trabalhavam na malharia com ela, daí nós morávamos em Curitiba nesta época daí nós não estávamos aqui... mas tem muitas que eram do interior e que vinha morar com ela, ela ensinava e daí continuavam trabalhando na malharia, mas ela ajudou muita malharia aqui em Imbituva, entende?

Entrevistador: Eles vinham em busca do que ela sabia fazer?

Participante 3: Ela dava, né?, a... (não conclui a fala...)

Entrevistador: a primeira Malharia é de 1975?

Participante 3: (não confirma)

Entrevistador: O nome completo da dona Alcione era?

Participante 3: Alcione Prestes Chioratto.

Entrevistador: Alcione ou Alcionê?

Participante 3: Uns falam Alcione, outros falam Alcionê... (incerteza)

Entrevistador: Onde ela (Alcione e Irene) instalaram a primeira malharia?

Participante 3: Onde era a casa da mãe da dona Alcione, dona Marica, daí elas alugaram a sala na casa da mãe da dona Alcione.

Entrevistador: Depois quem continuou com a malharia foi a dona Irene?

Participante 3: Daí abriu a sociedade, né? Daí a dona Alcione abriu a dela aqui e a dona Irene mudou lá para casa dela com o mesmo nome, Shalom... Nossa vinha ônibus e ônibus de excursão daí depois comi tudo ficou muito assim né daí começaram as maiorias daí todo mundo, meu Deus, tinha mais de 100 malharias . Daí até nas cidades vizinhas também começou em Irati começou também, né? Daí foi diminuindo o movimento aqui (incompreensível).

APÊNDICE 7 - PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA BIBLIOTECA DA FACULDADE GUAIRACÁ

PESQUISAS DE PEDAGOGIA				
Pesquisa quantitativa	Total de Pesquisas: 98	Pesquisas voltadas à educação: 98	Pesquisas voltadas a educação regional: 12	Pesquisas voltadas ao município de Imbituva: 1
Título	Autor	Orientação	Ano	Objeto
A contribuição do Programa de erradicação do trabalho infantil no processo de ensino aprendizagem do município de Campina do Simão	Patrícia Duda	Bianca Garcia	2014	PETI
O movimento apaeano no Brasil: visibilidade social da APAE do município de Turvo	Jaqueline Ferreira	Carla Maria de Schipper	2016	Trajetória APAE
História através de Memórias:	Leticia Miglorini Robeiro dos	Dirlei Ilivinski	2014	Mobral

Mobral (movimento brasileiro de alfabetização) no município de Guarapuava /PR	Santos			
História e Memória: A trajetória docente da Professora Anastácia Zastavni de Souza	Marinilze do Belém Machado Bolino	Rita de Cássia Luiz da Rocha	2014	Biografia de Anastácia Zastavni
Palavras e Olhares que denunciam: a Ditadura Militar (algumas reminiscências)	Angela Terezinha Oliveira	Rita de Cássia Luiz da Rocha	2014	Legado da Ditadura Militar em Guarapuava
As concepções de educação do campo e a organização curricular no Colégio Estadual do Campo de Cavaco – Cantagalo – PR	Sonia Rodrigues Calixtro	Elisabeth Macedo Fagundes	2016	Colégio Estadual do Campo de Cavaco - PR
O Ensino religioso no contexto escolar das escolas estaduais do município de Goioxim/PR	Marizete Quirino de Oliveira	Claudia Rejane S. Almeida Santos	2015	Ensino religioso
Entre Memórias e Experiências: a trajetória da Escola Municipal Santa Terezinha-Pinhão/PR (1952-1982)	Devacir Aparecida Nunes da Silva	Willian Bonete Junior	2016	Escola Santa Terezinha/PR
Escolas étnicas polonesas do Paraná: inspeção escolar, resistência e manutenção da identidade étnica	Andressa Taciane Marcelinho	Claudia Rejane Schavarinski Almeida Santos	2014	Trajetória das escolas técnicas polonesas
Tecendo indícios	Francielli Maria	Rita de Cassia	2016	Colégio Estadual

da história do curso normal do Colégio Estadual Santo Antônio de Imbituva/PR	Beraldo dos Santos	Luiz da Rocha		Santo Antônio de Imbituva
Projeto de Expansão Missionária da Congregação Servas do Espírito Santo e a Fundação dos seus colégios no Brasil	Gleicy Kelly Silvério dos Santos	Rita de Cassia Luiz da Rocha	2014	Congregação Servas do Espírito Santo
História e Memória: trajetória docente da professora Julia de Santa Maria Pereira	Caudineia Schinemann	Claudia Simone de Jesus Woellney	2017	Biografia da professora Julia de Santa Maria Pereira

PESQUISAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA				
Pesquisa quantitativa	Total de Pesquisas: 115	Pesquisas voltadas à educação: 72	Pesquisas voltadas a educação regional: 26	Pesquisas voltadas ao município de Imbituva: 0
Título:	Autor:		Ano:	
Socorros de Urgência nas aulas de educação física no município de Rio Bonito do Iguaçu	Douglas Marciel Anhaia de Borba		2015	
Educação física e Programas Sociais : o caso específico dos Programas PETI, no município de Candói – PR	Marlice da Costa		2015	
O ensino do conteúdo de Atletismo nas escolas públicas estaduais de Rio Bonito do Iguaçu	Rafael Rodrigo Hulgemann		2015	
Infraestrutura física e material das escolas estaduais de Guarapuava- PR para o desenvolvimento dona escola.	David Ida Junior		2015	
Análise das dificuldades em relação a infraestrutura e materiais nas aulas práticas de educação física das escolas do campo do município de Prudentópolis –	João Marcos Cassiano		2014	

PR		
----	--	--

PESQUISAS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS				
Pesquisa quantitativa	Total de Pesquisas: 80	Pesquisas voltadas à educação: 18	Pesquisas voltadas a educação regional: 6	Pesquisas voltadas ao município de Imituva: 0
Título:		Autor:		Ano:
Percepção docente do ensino de química nas aulas de ciências no município de Cândói		Solange Vornes de Mattos		2016
Meio ambiente e educação ambiental: noções de professores no ensino fundamental no município de Guarapuava-PR		Rodrigo de Assis		2015
Percepção ambiental de alunos do 5º ano de uma escola municipal da região de Turvo- PR		Nathali Christini Aschi		2015
Educação ambiental: percepção dos alunos das escolas públicas sobre a importância dos morcegos em Prudentópolis		Adriane Kuasoski		2016
Refletindo sobre a prática de avaliação do ensino e aprendizagem de ciências e biologia nas escolas da rede estadual do município de Inácio Martins		Jeferson José Fogaça		2017
Espécies arbóreas nativas e exóticas da região de Guarapuava – PR: o conhecimento do aluno		Flávia Roberta Bortolanza		2015

PESQUISAS DE MATEMÁTICA				
Pesquisa quantitativa	Total de Pesquisas: 77	Pesquisas voltadas à educação: 67	Pesquisas voltadas a educação regional: 3	Pesquisas voltadas ao município de Imituva: 0
Título		Autor		Ano
O ensino da Matemática no regime de alternância da Casa Familiar Rural de Rio Bonito do Iguaçu /PR		Édina Thays Rubini		2015
O ensino de Matemática da década de 1980 no município de Pitanga/PR		Carina Chulek		2016

Possibilidades da etnomatemática no Colégio Estadual Indígena Cacique Trajano Mrey Tar na terra indígena de Marrecas no Turvo – PR	Danielle Alves F. Proche	2014
--	--------------------------	------

ANEXO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



FACULDADE GUAIRACÁ

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

Autofização Portaria nº 183 de 19/01/05 DOU de 21/01/05
 Mantenedora: BEG-Sociedade de Educação Superior Guairacá Ltda
 CNPJ 06.060.722/0001-18

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa intitulada "A educação em Imbituva: contexto da ditadura militar e da instalação das malharias no município" que será realizada na Faculdade Guairacá e que tem como objetivo Investigar o processo educacional inerente às questões políticas, econômicas e sociais que se desenvolvem diante do percurso histórico da Cidade de Imbituva – PR.

O pesquisador manterá sigilo absoluto sobre as informações, assegurará o meu anonimato quando da publicação dos resultados da pesquisa, além de me dar permissão de desistir, em qualquer momento, sem que isto me traga qualquer prejuízo para a qualidade do atendimento que me é prestado.

A pesquisa será acompanhada pelo(a) orientador(a) Lucineia Moreira de Souza, professor (a) da FACULDADE GUAIRACÁ. Fui informado(a) que posso indagar o pesquisador se desejar fazer alguma pergunta sobre a pesquisa, pelo telefone (42)99908-2999, endereço: Rua: Frei Corbiniano, Bairro Mazurechem, na cidade de Pinhão e que, se me interessar, posso receber os resultados da pesquisa quando forem publicados.

Este termo de consentimento será guardado pelo pesquisador e, em nenhuma circunstância, ele será dado a conhecer a outra pessoa.

Assinatura do(a) participante _____

Lucineia Moreira de Souza

Thailaine Suellen Ortiz Camargo

Lucineia Moreira de Souza

Acadêmico(a) Pesquisador(a)

Professor(a) Orientador(a)

Guarapuava, _____ de _____ de _____.